

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIA ESTEFANO OHTA

**BORDANDO HISTÓRIAS E ESTAMPANDO O TECIDO DO SELF: A  
POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO  
ÍNTIMO ATRAVÉS DO EMPODERAMENTO FINANCEIRO**

SÃO PAULO

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIA ESTEFANO OHTA

**BORDANDO HISTÓRIAS E ESTAMPANDO O TECIDO DO SELF: A  
POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO  
ÍNTIMO ATRAVÉS DO EMPODERAMENTO FINANCEIRO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para a graduação no curso de Psicologia,  
sob orientação da Profa Dra Flavia Arantes Hime.

SÃO PAULO

2024

*Dedico este trabalho à minha mãe, Paula, também psicóloga, que me inspirou a seguir essa profissão, e que sempre me ensinou a ver os detalhes do mundo e a ter um olhar atento para o outro. Com ela aprendi que a minha sensibilidade era minha virtude, e que, com essa sensibilidade, eu poderia ser o que quisesse.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Flávia, por todo o apoio, cuidado, parceria, acolhimento e dedicação em todo esse percurso. Obrigada, Fla, por acreditar em mim, e me incentivar a ir sempre um pouco mais longe.

Agradeço aos meus pais, Paula e Marcio, por toda a minha educação, pelas experiências, pelas trocas e pelos ensinamentos diários. Obrigada, pais, por despertarem em mim a paixão pelo mundo e pelo conhecimento, e por me incentivarem sempre a seguir o que acredito.

Agradeço às minhas irmãs, Luiza e Carolina, por me mostrarem o amor mais puro que existe no mundo, e por me inspirarem a lutar por um mundo melhor.

Agradeço à minha amiga querida, Luana, que, em um momento de fragilidade, me ensinou a arte do bordado, que, com certeza, influenciou na escolha deste tema.

Por fim, agradeço à Renata, pela abertura e disponibilidade em conversar comigo, e abrir a possibilidade dessa pesquisa ser realizada na Utopiar; e às minhas três mulheres-flores: Tulipa, Lírio e Hortênsia, que tornaram essa pesquisa mais rica, e me inspiraram em inspirar outros psicólogos e psicólogas, e em lutar cada vez mais pelos direitos das mulheres em nosso país.

*Escrevo para dar vazão a tudo, para transbordar, para dar sentido e reconstruir, partes de mim confusas e perdidas no mar de nós que me compõe. É composta por um mar de nós que sou inteira e leve. Os nós existem como parte do tecido, longo tecido, que me faz pele. Longo tecido que me faz eu.*

*Gosto de pensar a vida e a mim como um bordado em processo. Gosto de pensar que ela e eu somos feitas de detalhes, de linhas finas, delicadas, mas coloridas e capazes de construir e reconstruir, costurar e bordar as possibilidades.*

*É na tentativa que moram as possibilidades. É no imperfeito da linha, no nó, na irregularidade que ela faz quando se junta ao tecido. É na junção da linha ao tecido, do eu ao outro, que se faz o bordado, que se faz a vida.*

*Em meio ao caos de linhas, de tecidos, que moram em mim, encontro o outro. Também incompleto, cheio de linhas sem nós que anunciam seu final, cheio de tecidos que se misturam. Encontro o outro como a mistura de possibilidades de existir, encontro aquele que me permite ter voz, ou não.*

*Entendo que o outro me faz ser, entendo que sem o outro, não sou; mas sem eu mesma, sou menos ainda. Quem há de validar uma existência se o corpo não se reconhece vivo?*

*Viver. Esse misto de coisas tão intensas e tão sinceras, mas tão duras. Esse viver permeado por vida, morte, dor e mistério. Esse viver que me mostra um mundo cheio de nós e de nós. Nós que são os elos que envolvem e amarram as coisas, e nós que somos elo em nós mesmos. Nós que não podem estar muito apertados, se não, prendem.*

*Acho que, no fim, viver é essa mistura e esse equilíbrio entre nós que aprendemos a desfazer, nós que nunca existiram e nós que prendem. Acho que viver fala de descobrir liberdade nesses nós que prendem e limites nos nós que não existem.*

*Construo e me reconstruo, me costuro e descosturo quando encontro novas linhas, novos sentidos e novos significados. Sou um eterno bordar, de pedras, de flores construídas, de cores e encontros. Minhas dores anunciam parte da minha história, mas devo eu me estampar das cores que quiser, para torná-la mais completa e com sentido. Sou o que sou, penso o que penso, assim, simplesmente, existo.*

*Uma reflexão pessoal sobre a pele que habita o mundo e onde se faz a vida. Uma dedicatória às minhas flores, que ao bordarem diversos tecidos, também bordaram novas partes de si, adicionando a elas tudo aquilo que lhes era único, tornando seu corpo vivo novamente.*

OHTA, J. E. **Bordando histórias e estampando o tecido do Self: A possibilidade de ressignificação da Violência por Parceiro Íntimo através do empoderamento financeiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, 2024.

## RESUMO

**Introdução:** O termo violência por parceiro íntimo (VPI) refere-se ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que causa danos físico, sexual ou psicológico, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores. Os dados encontrados com relação à vivência deste tipo de violência pelas mulheres brasileiras refletem uma realidade triste e comum na vida de muitas delas. Reconhecendo a violência contra mulher enquanto um reflexo da estrutura patriarcal da sociedade brasileira e os dados alarmantes encontrados, propôs-se lançar luz às consequências psicológicas advindas da vivência deste tipo de violência, e realizar uma investigação acerca das possíveis práticas de cuidado para com as vítimas. Para tanto, escolheu-se enquanto objeto de estudo o negócio social Utopiar, cujo projeto visa a reinserção de mulheres vítimas de VPI no mercado de trabalho através da capacitação em bordado e estamparia. A análise teve como base a teoria de C. G. Jung, a Psicologia Analítica.

**Objetivo:** Objetivou-se investigar o impacto do projeto da Utopiar na vida das Mulheres vítimas de Violência por Parceiro Íntimo que dele participam. **Método:** Tratou-se de um estudo de abordagem qualitativa e procedimento metodológico descritivo e exploratório, partindo de uma revisão bibliográfica feita com base nos dados acerca do fenômeno da VPI, e em uma revisão de literatura que tenha abrangido pesquisas já feitas na área, ou que tenham relação com a teoria Junguiana e o fenômeno da VPI. A segunda parte envolveu entrevistas semiestruturadas, que objetivavam uma escuta acerca das vivências individuais de cada uma das mulheres que passaram pelo projeto e concordaram em compartilhar suas histórias.

**Resultados e Discussão:** A partir das entrevistas, foi possível constatar o caráter auto terapêutico exercido pelo grupo vivenciado na Utopiar. Em seus discursos, as entrevistadas trouxeram seus sofridos relatos, o que evidenciou as consequências psicológicas da vivência de VPI; mas também conseguiram nomear os efeitos que suas participações no projeto tiveram em suas vidas. Neste sentido, a Utopiar proporcionou a elas um espaço de acolhimento, identificação, compartilhamento e resgate de autoestima, além da prática de bordado e estamparia terem surgido enquanto essenciais para a permanência destas mulheres no projeto. Desta maneira, a arte cumpriu sua função terapêutica enquanto mediadora do contato com outras pessoas, mas também enquanto um facilitador da autopercepção e do desenvolvimento pessoal; e a reinserção no mercado de trabalho se mostrou essencial para um resgate de autoestima e ampliação de possibilidades de vida.

**Palavras-chave:** Violência por Parceiro Íntimo; Mulheres; Arte; Psicologia Analítica; Negócio Social.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
1. <b>Objetivos gerais: .....</b>	<b>10</b>
2. <b>Objetivos específicos: .....</b>	<b>10</b>
<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - O fenômeno da Violência por Parceiro Íntimo (VPI) .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II - Conceitos da Psicologia Analítica .....</b>	<b>17</b>
1. <b>Ego.....</b>	<b>17</b>
2. <b>Símbolo .....</b>	<b>19</b>
3. <b>Persona .....</b>	<b>21</b>
4. <b>Complexo.....</b>	<b>22</b>
5. <b>Sombra.....</b>	<b>23</b>
6. <b>Self, Processo de Individuação e Função Transcendente.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO III - O Negócio Social Utopiar .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO IV - Trabalhos manuais enquanto prática terapêutica.....</b>	<b>26</b>
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
1. <b>Participantes com critérios de inclusão e exclusão .....</b>	<b>31</b>
2. <b>Instrumentos .....</b>	<b>31</b>
3. <b>Procedimentos .....</b>	<b>32</b>
4. <b>Procedimento de análise dos resultados .....</b>	<b>33</b>
5. <b>Considerações éticas .....</b>	<b>34</b>
<b>RESULTADOS .....</b>	<b>36</b>
1. <b>Tulipa.....</b>	<b>36</b>
2. <b>Lírio.....</b>	<b>39</b>
3. <b>Hortênsia .....</b>	<b>42</b>
<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Violência por parceiro íntimo, muitas vezes denominada de violência doméstica, no senso comum, nunca foi, não é e nunca vai ser um tema fácil de ser abordado. Os dados recolhidos para introduzir a presente pesquisa apontam para um cenário, no Brasil, amedrontador e cada vez mais perigoso. Será que está cada vez mais perigoso? Ou apenas estamos frente a um maior número de denúncias? Não é possível afirmar ao certo, mas o fato é que os números são crescentes e isso é de extrema preocupação.

O termo violência por parceiro íntimo (VPI) refere-se ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores. De acordo com Mendonça e Ludemir (2017, p.2), o fenômeno da violência pode apresentar-se com ao menos dois padrões definidos: situações mais moderadas em que conflitos diversos ou episódios de frustração e raiva irrompem ocasionalmente em agressão; e um padrão mais grave e crônico, de natureza progressiva.

Esta pesquisa teve como foco, especificamente, a violência por parceiro íntimo contra mulheres, explorando dados, analisando o contexto social, pensando as consequências psicológicas desta vivência e pensando estratégias de cuidado. Para isso, alguns dados sobre a ocorrência do fenômeno, no Brasil, parecem essenciais de serem destacados. Procurando na literatura, encontrou-se as seguintes manchetes, datadas entre 2013 e 2023:

- Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres entre janeiro e julho de 2022. (<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>) - Acessado em 21 de Maio de 2023;
- Em um estudo elaborado durante os anos de 2020 e 2021, destaca-se que a cada minuto, 25 brasileiras sofrem violência doméstica. (<https://piaui.folha.uol.com.br/cada-minuto-25-brasileiras-sofrem-violencia-domestica/>) - Acessado em 21 de maio de 2023;
- Dados divulgados em março de 2023 especulam que o aumento da violência contra as mulheres tem relação com avanço do conservadorismo. (<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/03/08/aumento-da-violencia-contra-mulheres-tem-relacao-com-avanco-do-conservadorismo>) - Acessado em 21 de Maio de 2023;

- Brasil teve uma ligação de denúncia de violência doméstica a cada minuto em 2020. (<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-teve-uma-ligacao-de-denuncia-de-violencia-domestica-a-cada-minuto-em-2020/>) - Acessado em 21 de Maio de 2023;

Os dados encontrados refletem uma realidade triste e comum na vida de muitas mulheres brasileiras. A violência praticada contra a mulher, nas diferentes formas e, em especial, aquela que ocorre no ambiente doméstico e familiar, é, principalmente, consequência da evolução histórica de hábitos culturais fundamentados em discursos patriarcais. O Mapa da Violência de 2015 apontou que, entre 2013 e 2016, a taxa de assassinatos no ano foi de 4,8 assassinatos para 100 mil mulheres, e o Brasil estava entre os países com maior índice de homicídios femininos: ocupava a quinta posição em um ranking de 83 nações. No país, 55,3% desses crimes foram cometidos no ambiente doméstico e 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas (Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro).

Resultados de 2013 de uma pesquisa realizada pelo Data Popular e pelo Instituto Patrícia Galvão com 1.500 homens e mulheres, maiores de 18 anos, em 100 municípios do país, também destaca dados alarmantes: 54% dos entrevistados conhecem uma mulher que foi agredida pelo companheiro e 56% conhecem um homem que agrediu a parceira, mas 57% acreditam que, apesar de atualmente haver mais punição para os agressores e assassinos do que no passado, a forma como a Justiça pune não reduz a violência contra a mulher. Para 85% dos participantes as mulheres que denunciam seus maridos correm mais risco de serem assassinadas. O representante do Conselho Nacional de Defensores Públicos Gerais, David Eduardo Dpiné Filho, ressaltou que, ao procurar uma Delegacia da Mulher, a vítima encontra uma imensa burocratização do sistema, que "impede que essa mulher tenha no serviço público uma referência que lhe dê segurança para denunciar e não encontrar o agressor em casa para novamente a agredir" (Albuquerque, 2013). Tais dados apontam para uma realidade crítica no país há mais de 10 anos.

Números mais recentes, fornecidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Datafolha aponta que:

33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais experimentou violência física ou sexual provocada por parceiro íntimo ao longo da vida. 24,5% afirmaram ter sofrido agressões físicas como tapa, batida e chute, e 21,1% foram forçadas a manter relações sexuais contra sua vontade. Se expandirmos os resultados para as mulheres que afirmaram ter sofrido violência psicológica, como humilhações, xingamentos e insultos de forma reiterada, o percentual de mulheres que sofreram alguma forma de violência por parceiro íntimo chega a 43%. Entre as participantes da pesquisa, 1 em cada 4 mulheres entre 25 e 34 anos afirmaram ter sofrido alguma forma de ofensa sexual e/ou tentativa forçada de manter relação sexual com o parceiro íntimo. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p.15).

Evidenciou-se que o grupo etário com maior prevalência de agressão física foi o de mulheres de 45 a 59 anos. Dentre elas, 28,7% afirmaram ter sido vítimas de tapa, chute ou empurrão por parte de um parceiro íntimo; 18,4% afirmaram ter ficado um longo período impedidas de se comunicar com amigos e familiares por ação do parceiro ou ex-parceiro íntimo; e 12,6% tiveram acesso negado a recursos básicos, como assistência médica, comida ou dinheiro. Entre mulheres com 60 anos ou mais, 12,9% relataram ter acesso a recursos básicos negados (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p.18).

Quando observados os dados que levam em conta a escolaridade, são as mulheres apenas com ensino fundamental as mais vulneráveis. Aproximadamente metade das mulheres deste grupo populacional (49%) foram vítimas de violência por parte de parceiro íntimo ao longo da vida. Quanto ao perfil étnico racial, mulheres negras (45%) apresentam prevalência superior de vitimização do que as mulheres brancas (36,9%). Destaca-se que a vitimização por violência sexual seja similar entre todos os grupos, mas quando a questão trata de violência física, entre negras a prevalência é 8 pontos superior à encontrada entre mulheres brancas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p.19).

Em 2020, o Brasil registrou uma ligação de denúncias de violência doméstica a cada minuto (Galvani, 2021). Dados do feminicídio coletados pelo FBSP também mostram que 67% das vítimas eram negras, e que o Disque 190 recebeu 694.131 ligações sobre violência doméstica, total 16,3% maior do que no ano anterior. O relatório aponta que:

Os números ainda impressionam por sua magnitude: 230.160 mulheres denunciaram um caso de violência doméstica em 26 UFs, sendo o Ceará o único estado que não informou. Isto significa dizer que ao menos 630 mulheres procuraram uma autoridade policial diariamente para denunciar um episódio de violência doméstica. (FBSP, 2023)

Quanto aos assassinatos de mulheres, dados apontam que 61,8% delas eram negras e 81,5% dos crimes foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros.

Evidências que levam em conta os 12 meses que antecederam a publicação da pesquisa apontaram que 28,9% das mulheres relatam ter sido vítimas de algum tipo de violência ou agressão neste período, a maior prevalência já verificada na série histórica. Quando comparada à última pesquisa realizada o crescimento foi de 4,5 pontos percentuais, o que revela um agravamento das violências sofridas por mulheres no Brasil. Acerca das formas de violência citadas, aponta-se que:

(..) a mais frequente foram as ofensas verbais, com 23,1% de prevalência. Na sequência temos perseguição, com 13,5% de frequência; ameaças, com 12,4%; agressão física como chutes, socos e empurrões, com 11,6%, ofensas sexuais, com 9%; espancamento ou tentativa de estrangulamento, com 5,4%; ameaça com faca ou arma de fogo, com 5,1%; lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado, com

4,2%; e esfaqueamento ou tiro, com prevalência de 1,6% (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p.21).

É com base em dados tão absurdos e alarmantes, que foi construída a presente pesquisa. É inegável a recorrência desta violência e se mostra urgente que esta prática seja amplamente explorada e estudada, para fins de melhoria à assistência prestada às vítimas. Entretanto, para além de esclarecer acerca das consequências psicológicas advindas da vivência deste tipo de violência, realizou-se uma investigação acerca de práticas de cuidado possíveis para mulheres que procuram sair ou saíram do ciclo de violência por parceiro íntimo.

Este estudo foi organizado da seguinte maneira: depois dos objetivos e da relevância do trabalho, seguiram-se os capítulos:

1. O fenômeno da Violência por Parceiro Íntimo (VPI);
2. Conceitos da Psicologia Analítica;
3. O Negócio Social Utopiar;
4. Trabalhos manuais enquanto prática terapêutica.

A seguir: Método e os Resultados da pesquisa, seguidos pela Análise e Discussão, e Considerações Finais.

## **OBJETIVOS**

### **1. Objetivos gerais**

O objetivo geral da pesquisa foi investigar o impacto das propostas da marca de moda Utopiar na vida das Mulheres vítimas de Violência por Parceiro Íntimo que dela participam.

### **2. Objetivos específicos**

- a. Realizar uma revisão de literatura acerca das consequências da violência por parceiro íntimo.
- b. Observar o efeito do projeto desenvolvido pelo Negócio Social Utopiar na promoção de saúde psíquica das mulheres:
  - i. Compreender como a prática do trabalho artesanal pode atuar de forma terapêutica na vida das vítimas, à luz das concepções da Psicologia Analítica;
  - ii. Destacar a importância da autonomia financeira no processo de rompimento do ciclo de violência;

- iii. Explorar a importância de espaços de acolhimento, rodas de conversa e/ou convívio com semelhantes.

## **JUSTIFICATIVA**

Ao longo das pesquisas realizadas, verificou-se que um aspecto importante que favorece a separação da vítima em relação ao seu agressor é a participação feminina no mercado de trabalho. O empoderamento econômico surge enquanto possível solução para interromper a violência por parceiro íntimo. Isso significa que, com isso, a mulher pode exercer sua autonomia, tendo a possibilidade de encerrar o relacionamento ao conquistar sua independência financeira, o que pode contribuir, conseqüentemente, para a saída da situação de violência. (FBSP, 2023, p.33).

Tal pesquisa reitera que mulheres não estão seguras em nenhum lugar, mas principalmente em suas próprias casas. É lá onde estão mais vulneráveis. E é também a pessoa com quem tem ou teve um relacionamento íntimo, a principal responsável pelas violências que sofrem. 45% das mulheres vítimas de violência relataram não terem tomado atitudes diante da agressão mais grave que sofreram, e 38% afirmaram que “resolveram a situação sozinhas”. E então, se questiona: o que significa “resolver sozinha” uma violência? Quão solitária e desamparada está a mulher que “resolve sozinha” a violência que sofre? Por que isso acontece? (FBSP, 2023, p.42).

Muitas mulheres vítimas de violência doméstica, além dos sentimentos pelos parceiros e a dependência psicológica, pensam nos filhos ou não têm perspectivas financeiras ou locais para onde ir em caso de afastamento ou denúncia, de modo que é de extrema importância o auxílio financeiro e o abrigo às vítimas como política pública. Tendo em vista que muitas não podem simplesmente ir embora do cenário onde ocorrem as violências, é preciso buscar redes de apoio e pessoas de confiança, a fim de que essas mulheres tenham consciência de que não estão sozinhas. Mas onde encontrá-las? Muitas mulheres já se acham há tempos fora do mercado de trabalho e/ou já estão afastadas das pessoas que tinham por referência antes de se tornarem vítimas de violência.

É um tema amplo, que abrange diversas áreas sociais e abordagens. Para dar conta da proposta de estudo, optou-se por analisar, para além da literatura já publicada, a prática de um Negócio Social<sup>1</sup> dedicado à moda slow fashion, chamada Utopiar. O objetivo deste negócio é

---

<sup>1</sup>

oferecer apoio psicológico, jurídico e abrigo para mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo, em parceria com ONGs especializadas; e cursos gratuitos de técnicas de bordado, estampas em *block print*<sup>2</sup> e tingimento, e abrindo espaço para que, aquelas que desejarem, tornem-se parte do negócio e ganhem uma maior autonomia financeira. Durante os encontros, as mulheres se dedicam a uma nova atividade enquanto compartilham histórias, fazem amizades e formam, pouco a pouco, uma rede de apoio. A Utopiar arca com todo o custo do estoque e as mulheres são remuneradas por peça produzida e não por peça vendida, de modo que não dependem das vendas para receber e têm uma maior previsibilidade de renda.

Optou-se por realizar a presente análise devido à consideração do campo da moda enquanto aquele que pode e deve oferecer importantes transformações sociais, e que se mostra essencial na cadeia de produção de uma sociedade melhor. Pesquisar sobre a violência por parceiro íntimo sofrida por mulheres brasileiras, adentrando o campo de possíveis práticas de cuidado e de saída do ciclo da violência, é de grande sentido pessoal. Acredita-se que finalizar a graduação com esta pesquisa será uma forma de mostrar o que se é e em que se acredita, depois de alguns bons anos de estudo.

Por fim, a teoria do campo da Psicologia escolhida enquanto base para o presente estudo foi a da Psicologia Analítica, de C. G. Jung. Partindo disto, buscou-se investigar como a capacitação destas mulheres e a ação destas ONGs vão contribuir, ou podem contribuir para o bem-estar de suas participantes; além do impacto da prática do trabalho artesanal, entendendo se esse tipo de trabalho promove melhora na saúde psíquica das vítimas e os possíveis porquês. Os principais conceitos trabalhados em relação à teoria de base são: ego, símbolo, complexos, sombra, persona, processo de individuação, Self, e função transcendente. Para além disso, pretende-se explorar também o impacto do trabalho artístico no processo, uma vez que pode-se hipotetizar acerca do caráter terapêutico e libertador de tal prática, analisada por Jung desde os primórdios de sua teoria.

---

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido pelo Prof. Muhammad Yunus, vencedor do Prêmio Nobel em 2006, e criador do Yunus Social Business, o principal investidor da Utopiar. A empresa criada pelo professor fomenta negócios sociais locais que promovam educação, saúde, saneamento, energia limpa, empregabilidade, gestão de resíduos e reflorestamento no Leste da África, América Latina e Índia. Os recursos investidos nos negócios sociais são reinvestidos nos próprios negócios ou em outras iniciativas, o que impulsiona a multiplicação do impacto social gerado.

<sup>2</sup> Um dos métodos usados para a impressão de uma estampa, é feita a partir de elementos naturais, como por exemplo bambus, sementes, folhas de plantas ou a própria mão da pessoa, que são entintados e carimbados numa superfície.

## **CAPÍTULO I - O fenômeno da Violência por Parceiro Íntimo (VPI)**

O presente trabalho tomou como base a definição, de 2021, da Organização Mundial da Saúde para Violência por Parceiro Íntimo (Intimate Partner Relation - IPR), definida como qualquer comportamento de um atual ou ex-parceiro íntimo no contexto do casamento, coabitação ou qualquer união formal ou informal que cause danos físicos, sexuais ou psicológicos. Este comportamento inclui atos de agressão física, tal como tapas, socos, chutes e espancamentos; atos de agressão sexual, como relações sexuais forçadas e outras formas de coerção sexual; violência psicológica, como humilhações e ofensas constantes; bem como outros comportamentos de controle, como isolar uma pessoa de sua família e/ou amigos ou restringir seu acesso a informações e serviços (World Health Organization, 2021).

Ressalta-se que os atos de violência contra mulher formam um padrão de comportamento que viola os direitos das mulheres e meninas, limita a sua participação na sociedade e prejudica a sua saúde e bem-estar. Abordar a temática VPI exige uma consideração ampla das condições estruturantes do tecido social brasileiro, com enfoque no contexto cultural reproduzido pelo sistema patriarcal, baseado na assimetria de poder nas interações humanas.

Para Dantas-Berger e Giffin (2005) existe:

Uma ordem social de tradição patriarcal por muito tempo “consentiu” certo padrão de violência contra as mulheres, designando ao homem o papel “ativo” na relação social e sexual entre os sexos, ao mesmo tempo em que restringiu a mulher à passividade e reprodução. O jogo de poder masculino advém dessas crenças de o homem possuir direitos e privilégios a mais do que as mulheres (p.418).

Uma pesquisa recente (DataSenado, 2021) apontou que 71% das mulheres entrevistadas consideram o Brasil um país muito machista, e 68% conhecem, no mínimo, uma mulher que foi, ou é, vítima de violência doméstica. O número de mulheres que declarou já ter sido agredida por um homem, entre as mulheres ouvidas, é de 27%. Aponta-se que 18% das mulheres agredidas possuem convivência diária com o agressor. No ano de 2019, 30,4% dos homicídios contra mulheres aconteceram dentro de casa. No entanto, esse número aumentou 22% entre os meses de março e abril de 2020, período em que as mulheres passaram a conviver mais com seus agressores dentro do lar. Mesmo com um cenário tão preocupante, o IBGE apontou que apenas 7,5% dos municípios do país possuíam delegacias da mulher, na época (IBGE, 2019). A residência é o principal palco não somente das violências analisadas pela pesquisa, mas também do mais grave tipo de violência, o feminicídio. Conforme mostrou o 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2021, 65,6% dos feminicídios ocorreram nas residências (FBSP, 2022b apud FBSP, 2023, p.30).

Números da pesquisa realizada pelo Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) revelam que 15% das brasileiras com 16 anos ou mais relataram ter experimentado algum tipo de violência psicológica, física ou sexual perpetrada por parentes ou companheiro/ex-companheiro íntimo durante o período recente da pandemia de Covid-19. Isso equivale a 13,4 milhões de brasileiras, o que indica que, a cada minuto naquele ano, 25 mulheres foram ofendidas, agredidas física e/ou sexualmente ou ameaçadas no Brasil. Ressalta-se que a vulnerabilidade se torna ainda mais acentuada quando verificamos que o percentual é maior entre mulheres de 35 a 44 anos (8%), pretas e pardas (7%) e com ensino fundamental (11%). Desta maneira, notamos o perfil das vítimas de feminicídio no país: majoritariamente mulheres entre 30 e 44 anos (41,4% das vítimas) e com baixa escolaridade. Para Bueno e Reinach (2021), "a violência contra mulheres é, ao mesmo tempo, uma das consequências de uma estrutura patriarcal, mas também um de seus pilares fundamentais, num ciclo perverso que se retroalimenta".

É importante ressaltar que a VPI ocorre de forma repetida e contínua, na maioria dos casos, e tem como uma de suas consequências o afastamento da mulher do círculo familiar e de amigos:

Devemos ficar atentos quando um homem procura afastar a mulher da sua rede de proteção. Nesses casos, é comum observarmos que a mulher está frequentando menos as reuniões sociais, atendendo menos as ligações e demonstrando mais silêncio e tristeza. (...) Decidir por denunciar o agressor pode ser muito mais complexo para uma mulher do que os outros possam imaginar. Isso porque as mulheres tendem a colocar os interesses da família antes de si mesmas. A mulher até se inclui na situação, mas ela nunca é a prioridade. E - quase sempre - carrega a expectativa de que aquilo é passageiro e que ela poderá reverter a situação sem precisar denunciar. O problema nisso é que muitas dessas mulheres não conseguem sair do ciclo de violência a tempo e, infelizmente, acabam sendo mortas pelos respectivos agressores (Frade, 2022).

O que vemos, com isso, é que a violência doméstica contra mulheres cala, exclui, adocece e, muitas vezes, mata; além de carregar mais um traço de uma sociedade machista e patriarcal, em que a culpa pela situação recai, geralmente, sobre a vítima e não sobre o agressor.

Evidências nacionais e internacionais que apontam para um maior risco de violência após ou por uma tentativa de término do relacionamento. Um estudo conduzido em 11 cidades dos Estados Unidos mostra que o término do relacionamento e a tentativa de separação são fatores de risco para o feminicídio íntimo (Campbell et al., 2003 apud FBSP, 2023, p.32). No Brasil, um estudo que teve como base 364 denúncias de casos de feminicídio entre 2016 e 2017, identificou que em 45% dos casos a motivação para o crime era a separação recente do casal ou pedido de rompimento, e em 30% era ciúme, sentimento de posse ou machismo (Ministério Público do Estado de São Paulo, 2018, p.17).

Assim, destaca-se que, muitas vezes, o fim do relacionamento não significa o fim da violência doméstica. Pelo contrário, o efeito pode ser inverso. Desta maneira, ao tratar do

enfrentamento à violência doméstica, é necessário que se leve em conta a complexidade do fenômeno: apontar o término do relacionamento como solução para o problema mostra-se incoerente. Há necessidade de oferecer às mulheres as condições para que o façam de forma segura, sem que aumente seu risco de sofrer violência (FBSP, 2023, p.32).

Mais da metade das mulheres (53,8%) que sofreram violência apontaram que justamente no ambiente domiciliar ocorreram os episódios mais graves e, em 2022, destacou-se um índice inédito de feminicídio, com uma mulher morta a cada seis horas. Entretanto, a taxa de homicídios não relacionados a gênero tiveram o menor índice da série histórica, o que indica que o Brasil ficou menos perigoso para a população em geral, mas mais perigoso para as mulheres. Ressalta-se que, apesar do alto número de mulheres que sofrem violência, um total de 45% delas respondeu que não fez nada após a agressão, e somente cerca de 30% delas acionaram algum tipo de mecanismo policial. Pode-se concluir que esse dado reflete, potencialmente, o medo de retaliação por parte do autor, a vergonha frente à violência e o receio de uma revitimização no processo de denúncia – quando há uma série de constrangimentos às vítimas (Coll, 2023).

É necessário, portanto, um maior preparo para lidar com as diversas formas de violência, que não apenas a física, uma vez que, por mais que haja uma prevalência de 33,4% das mulheres que relataram ter sofrido violência física e/ou sexual, é indispensável alertar que a taxa de violência psicológica ou verbal atinge o marco de 32,8% mulheres vítimas. Facchini, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu), diz:

Ainda há um maior reconhecimento da violência física, mesmo que a violência psicológica possa gerar danos imensos na vida de quem a sofre. A medida protetiva por violência física tende a ter um sucesso muito mais rápido do que em casos de violência psicológica, e a chance de ter o ato de violência reconhecido pelos operadores do direito, seja pela polícia ou por um juiz, vai influenciar muito na possibilidade de haver ou não uma denúncia (Facchini, 2023).

Um importante estudo de 2011 de Mozzambani et al. aponta que:

Mulheres vítimas de violência física e psicológica tendem a apresentar maior fragilidade, podendo sofrer efeitos permanentes em sua autoestima e autoimagem, tornar-se menos seguras do seu valor e ficar mais propensas à depressão. Além disso, a violência de gênero pode estar relacionada a suicídio, homicídio e mortalidade materna (p. 46)

Além disso, observou-se que muitas mulheres desenvolviam experiências dissociativas peritraumáticas decorrentes do momento do ataque, como paralisia (imobilidade tônica) e dificuldades para lembrar detalhes da agressão (Mozzambani et al., 2011, p. 46). Destaca-se que:

O comportamento de passividade, assim como descrito para os animais, mostra-se como uma estratégia de conservação de energia em tais situações de perigo. Portanto, a paralisação nasce do medo da morte, já que a maioria dessas mulheres é ameaçada de morte e não consegue reagir, e talvez se utilize dessa estratégia de defesa para conservar energia para sobreviver (Mozzambani et al., 2011, p. 46).

Ludemir et al. (2008), em sua pesquisa, cujo objetivo era analisar a associação da violência por parceiro íntimo, vivida por cerca de 50% das mulheres no Brasil, aos Transtornos Mentais Comuns (TMC), observou uma maior prevalência de TMC entre as mulheres que relataram terem sofrido algum tipo de violência do que entre as que não relataram terem sofrido violência (49% versus 19,6%, respectivamente). Além disso, a prevalência de TMC aumentou de acordo com a gravidade da violência, sendo 30,6% para as mulheres que foram vítimas apenas da violência física e 62,9% para aquelas que sofreram todas as formas de violência (Ludemir et al, 2008).

Dados indicam que violência psicológica foi mais comum que a violência física e sexual e em mulheres com baixa escolaridade e vivendo em situação de menor renda. Apesar do recorte da pesquisa analisada, relata-se que as frequências da violência por parceiro íntimo sofrida por mulheres dependem, além de outros fatores, das condições socioeconômicas das mulheres e dos seus parceiros e dos contextos socioculturais nos quais a hierarquia de gênero é mais ou menos legitimada, o que contribui para o aumento ou diminuição dos relatos de violência (Mendonça e Ludemir, 2017, p.6).

Com isso, observa-se que mulheres vítimas de VPI são mais propensas a apresentarem sintomas de TMC. Relata-se uma associação moderada ou forte entre VPI e depressão, especulando que mulheres vítimas de VPI possuem mais risco de desenvolverem sintomas da doença, e que quanto mais grave a agressão, maior o impacto sobre a saúde mental das mulheres (Mendonça e Ludemir 2017, p.6).

Dados de uma outra pesquisa ressaltam que as principais consequências da violência por parceiro íntimo contra a mulher observadas foram: sentimentos de aniquilação, tristeza, desânimo, solidão, estresse, baixa autoestima, incapacidade, impotência, ódio e inutilidade (Netto et al. 2014, p. 462).

Lourenço e Costa (2020) ressaltam a importância da presença de profissionais da área de saúde mental, inclusive de psicólogos, em instituições que atendem mulheres vítimas de violência. Neste contexto, a atuação baseada em uma escuta ativa é importante para o fortalecimento da mulher, tendo efeitos no sentido de traçar saídas para a relação conjugal violenta (Gomes et al., 2014, p.519).

Quando se trata de outros profissionais que atuam com mulheres vítimas de violência, estes também devem se atentar às consequências advindas do fenômeno, inclusive, consequências emocionais, para que as mulheres possam ser encaminhadas para receber os cuidados necessários, os agravos possam ser tratados e a violência combatida (Lourenço e Costa, 2020, p.14).

Diante deste contexto, nota-se a importância de que sejam pensadas práticas de cuidado efetivas para Mulheres Vítimas de VPI. As consequências para a saúde mental são inúmeras, e a probabilidade do desenvolvimento de transtornos mentais é ainda maior em contextos de Violência por Parceiro Íntimo. O cuidado, neste cenário, deve ser pensado enquanto rede, na qual diversos âmbitos estão envolvidos, desde médicos, psicólogos e profissionais de justiça até outras esferas, como é o caso do projeto que deu vida à presente pesquisa. Para pensar este cuidado, postula-se: quais seriam as práticas e os espaços que, hoje, oferecem possibilidade de transformação das histórias de vida de Mulheres Vítimas de VPI?

## **CAPÍTULO II - Conceitos da Psicologia Analítica**

A teoria escolhida como base para a presente pesquisa foi a Psicologia Analítica, de C.G. Jung. Para que seja possível analisar consistentemente os dados apresentados, fez-se necessária uma ampla revisão e estudo dos principais conceitos desta linha de pensamento, sendo importante destacá-los e defini-los antes de aplicá-los em análises mais complexas. Neste sentido, este capítulo visa revisitar a teoria Junguiana, esclarecendo por qual ângulo estamos abordando a temática aqui proposta. Portanto será feito um recorte. Os conceitos a serem focalizados são: ego, símbolo, complexos, sombra, persona, processo de individuação, *Self*, e função transcendente.

### **1. Ego**

C.G. Jung buscou realizar, em seus estudos, uma descrição da consciência humana, colocando, enquanto sua característica mais central, o ego. Segundo o teórico:

Entendemos por ego aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. E este fator que constitui, por assim dizer, o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa (Jung, 2013a).

O termo ego remete à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação. O ego seria, portanto, um "sujeito" a quem os conteúdos psíquicos são "apresentados". A ligação dos conteúdos com o ego é a condição necessária para

tornar qualquer coisa consciente - um sentimento, um pensamento, uma percepção ou uma fantasia, de modo que o ego funciona como uma espécie de espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente. Tudo aquilo que não se conecta com o Ego é, então, ignorado, e torna-se parte do inconsciente (Stein, 2006, p.23)

Vale ressaltar que a consciência é uma categoria ainda mais ampla do que o ego e contém instâncias para além dele, sendo, assim, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos, e o "fator vital" do ser humano. Stein (2006) compara a consciência a um quarto, cujas quatro paredes cercam o conteúdo psíquico que temporariamente o ocupa. Neste sentido, o autor afirma que o ego também transcende e sobrevive ao conteúdo específico que ocupa o quarto da consciência em diferentes momentos, sendo, portanto, o ponto focal no interior da consciência a sua característica mais central e talvez mais permanente. Ele afirma:

Para Jung, o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente. O ego é responsável pela retenção de conteúdos na consciência, e também pode eliminar conteúdos da consciência deixando de os refletir (p. 25).

Como centro vital da consciência, precede a aquisição da linguagem, a identidade pessoal e até o conhecimento de um nome pessoal. O ego focaliza a consciência humana e confere à nossa conduta consciente sua determinação e direção. Porque temos um ego, temos a liberdade para fazer escolhas que podem desafiar os nossos instintos de autopreservação, propagação e criatividade. O ego contém a nossa capacidade para dominar e manipular vastas somas de material dentro da consciência. Um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente, exercendo seu caráter enquanto agente organizacional. Um ego fraco, por sua vez, não pode fazer grande coisa desse gênero de trabalho e sucumbe mais facilmente a impulsos e reações emocionais. Como fica evidenciado, a liberdade do ego é limitada. Ele é facilmente influenciado por estímulos psíquicos internos e ambientais externos. Depois de um certo ponto no desenvolvimento, o ego humano e a consciência humana passam a ser largamente definidos e moldados pelo mundo cultural em que a pessoa cresce e é educada.

Stein (2016, p.30) reitera que o ego teme profundamente a morte do corpo, uma vez que esta viria acompanhada da extinção do Ego. Ele está baseado no corpo somente no sentido de que experimenta a unidade com o corpo, mas o corpo que o ego experimenta é psíquico. É uma imagem do corpo e não o próprio corpo. O corpo é experimentado a partir do que a pessoa pode conscientemente sentir do corpo.

A psique, conforme Jung a define, está restringida por, e limitada a, onde o ego pode, em princípio, chegar. Isto não significa, entretanto, que a psique e o ego são idênticos, uma vez que a psique inclui o inconsciente e o ego está mais ou menos limitado à consciência. Mas o inconsciente é, pelo menos, potencialmente acessível ao ego, mesmo que o ego não tenha muita experiência de contato com ele. Entretanto, a psique tem um limite, e esse limite consiste no ponto em que estímulos ou conteúdos extra psíquicos deixam de ser conscientemente experimentados. Assim, o ego apoia-se tanto no campo total da consciência quanto na soma total de conteúdos inconscientes. Tais conteúdos se dividem entre os que podem ser temporariamente subliminares que podem ser reproduzidos voluntariamente (memória); os que não podem ser reproduzidos voluntariamente; e os conteúdos que são totalmente incapazes de tornar-se conscientes.

O que faz o ego crescer, segundo Jung, é o que ele designa por "colisões ". Em outras palavras, conflito, dificuldades, angústia, pena, sofrimento. São estes os fatores que levam o ego a desenvolver-se. As condições exigidas a uma pessoa para adaptar-se a ambientes físicos e psíquicos depende de um potencial na consciência e tendem a fortalecer a sua capacidade para funcionar, com o objetivo de mobilizar o organismo numa direção específica. Assim, pode-se concluir que uma quantidade moderada de conflito com o meio ambiente é importante para o crescimento do ego (Stein, 2016, p.34).

Essas colisões podem, porém, ser catastróficas, e acarretar sérios danos à psique. Nesse caso, o ego nascente não se fortalece mas, pelo contrário, pode ser amplamente comprometido e severamente traumatizado, de modo que o seu funcionamento seja radicalmente deteriorado. Maus tratos a crianças e traumas sexuais na infância são exemplos que podem acarretar em deterioração da estrutura egóica. Por causa delas, o ego está, com frequência, permanentemente danificado em seus registros psíquicos inferiores. Nestes casos, a vítima pode ser capaz de funcionar normalmente, mas, em suas partes menos conscientes, o tumulto emocional e a ausência de uma estrutura coesa criam severos distúrbios de caráter tendências dissociativas (Stein, 2006, p.35). Pode-se dizer que estes egos não são apenas vulneráveis, mas também frágeis e hiper defensivos, de forma que podem se fragmentar facilmente sob estresse emocional e tendem, portanto, a recorrer a defesas primitivas (mas muito poderosas) para proteger a psique de intrusões e possíveis danos.

## **2. Símbolo**

Um outro conceito de suma importância para a teoria da Psicologia Analítica é o conceito de "Símbolo", o qual se mostrou essencial na análise e discussão das entrevistas

realizadas com mulheres vítimas de violência. Segundo Kast: “A palavra ‘símbolo’ origina-se do grego symbolon, um sinal de reconhecimento. (...) A combinação de duas metades (symbálein = juntar, reunir) (...)”. (Kast, 1990, p. 19). Desta maneira, concebe-se o símbolo enquanto uma síntese, algo composto, que ganha significado apenas quando atrelado à outra coisa. É irracional e não é passível de total compreensão, contendo em si um excedente de significado, que está ligado com a emoção (Ibidem, p.20). Para Jung (2014):

O modo pelo qual se obtém a harmonização de dados conscientes e inconscientes não pode ser indicado sob a forma de uma receita. Trata-se de um processo de vida irracional, que se expressa em determinados símbolos. Neste caso o conhecimento dos símbolos é indispensável, pois é nestes que se dá a união de conteúdos conscientes e inconscientes. Da união emergem novas situações ou estados de consciência (p. 288-289).

Quanto à sua presença na vida do sujeito, Kast postula:

Os símbolos mantêm sua importância por certo tempo; a vida se torna significativa em conexão com tais símbolos; em algum momento, eles passam para segundo plano, e outros tornam-se mais importantes (1990, p.21).

Quando o sujeito assume uma atitude simbolizadora, ele projeta seu inconsciente sobre a realidade na superfície, atribuindo significados ao mundo com base em emoções particulares (p.24).

Para vivenciar os símbolos realmente como tais, e não apenas vê-los como sinais, devemos estar prontos para nos deixar tocar emocionalmente por eles. (...) Quando estabelecemos relação com um símbolo, tudo o que está ligado a ele torna-se repentinamente vivo (...). Um símbolo com o qual nos envolvemos ativamente pode vivificar toda uma série de experiências psíquicas (...) (p. 26)

A energia presa no símbolo se libera somente quando tem envolvimento emocional com ele (Kast, 1990, p. 26). É impossível que se estabeleça uma correspondência exata entre um símbolo e uma emoção. A totalidade nunca será abrangida, uma vez que a possibilidade e variedade de significados faz parte da essência do símbolo.

Para Kast (1990, p.37), é nos símbolos que nossas dificuldades especiais e atuais podem se tornar manifestas, junto com as nossas próprias possibilidades de vida e desenvolvimento. E, como já dito, para Jung é nas dificuldades que se depositam as possibilidades de desenvolvimento. A seu ver, é inerente à psique a tendência de se desenvolver, de estar em movimento - estando isso ligado diretamente ao processo de individuação, que é estimulado a partir das colisões do Eu com o mundo, e demanda uma abertura do ego para entrar em contato com conteúdos inconscientes.

Assim, pode-se enxergar o objetivo terapêutico da Psicologia Analítica como a possibilidade do sujeito de lidar criativamente com a própria vida, caminhar sabendo também lidar com tempos de estagnação, sendo capaz de aceitar a si mesmo enquanto alguém em transformação. Para Jung, assumir o risco de ser si mesmo.

Fromm postula: "Há pessoas que ainda não nasceram, e deve-se nascer antes de morrer" (Fromm *apud* Kast, 1990, p.38). Para ele, tal nascimento dependeria diretamente da criatividade.

Quanto à formação do símbolo, Kast (1990) rememora a visão de Jung de que:

(...) as tendências conscientes e inconscientes capazes de se opor totalmente umas às outras revelam-se no símbolo, que é um terceiro elemento; portanto, como são superadas nesse símbolo as posições contrárias do consciente e do inconsciente. É assim que Jung energeticamente explica o processo — de acordo com o pensamento vigente, naquela época, na psicologia profunda: quando os opostos se entrecrocaram, quando as intenções do consciente e do inconsciente se contradizem, a dinâmica psíquica se paralisa. Na sequência, a energia psíquica vivifica uma imagem no inconsciente que une em si ambas as posições. Essa imagem é novamente projetada sobre a vida atual, mas evidencia, com isso, quais tendências se opõem; de modo geral experienciamos tendências opostas como tensão (p.39).

### 3. Persona

O conceito de Persona é também central na teoria aqui proposta. A Persona seria o rosto que usamos para o encontro com o nosso mundo social, é a forma com que uma pessoa se apresenta para o mundo. Conforme Jung:

A Persona é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da Persona diz respeito exclusivamente à relação com os objetos (2013b, p.426-428)

Assim, pode-se afirmar que, no desenvolver da persona, são internalizados papéis e estereótipos sociais, se adotam atitudes coletivas convencionais e expectativas das pessoas que o cercam. Dessa forma, uma pessoa pode estar mais ou menos identificada com a sua Persona, o que também indicará o quanto de contato com conteúdos inconscientes essa pessoa tem, o quanto ela é afetada pelo seu ambiente social, e o quão desenvolvido está o seu si-mesmo. Vale lembrar que somos, enquanto seres humanos, dependentes de nossa Persona para a construção de nossa identidade e senso de realidade, de modo que seria este fator essencial para o desenvolvimento de um sentimento de valor pessoal e afinidade com o grupo a que se pertence. Assim, a Persona confere à pessoa uma identidade psicossocial.

Neste contexto, destacam-se, portanto, as duas tendências contrárias do ego postuladas por Stein (2006, p.107), que abrangem uma necessidade de separação e independência, para o desenvolvimento de uma autonomia; e uma necessidade de relacionamento e participação. O desejo do ego de separação e individuação está frequentemente ligado à sombra, por ser de certa

forma ameaçador para a vida do grupo e o bem-estar do indivíduo. Partindo deste ponto de vida, reconhece-se a dependência que o sujeito tem de outras pessoas para que possa sobreviver física e psicologicamente, de modo que a Persona seria o movimento do ego no sentido de relação e adaptação ao meio, buscando assegurar a sobrevivência, de modo que esta passa a ser uma forma de auto apresentação do sujeito ao mundo. É importante ressaltar também que um dos importantes atravessamentos e influenciadores para o desenvolvimento da psique é a questão de gênero, que, no contexto da presente pesquisa, é essencial para compreender a forma com que as entrevistadas se colocam no mundo. A Persona com que se identifica é, entretanto, passível de ser modificada no transcorrer da vida, dependendo da percepção do ego das mudanças ocorridas no ambiente e de sua capacidade para interagir com este.

#### **4. Complexo**

É através do tecido da Persona que se desenvolvem os Complexos. Estes são, segundo Stein (2006, p.52) produtos de experiências do sujeito no mundo - traumas, interações, padrões familiares e aspectos culturais, que, combinados com imagens arquetípicas, dão origem ao complexo em seu todo. São aquilo que permanece na psique depois que determinada experiência foi digerida e reconstituída em objetos internos. São carregados de carga emocional, e pertencem essencialmente ao mundo subjetivo; tem em seu núcleo imagens psíquicas, constituídas com base na história específica da vida de cada um e também socialmente, por meio da família ou da cultura. A estrutura de um complexo consiste, conforme Stein (2006, p.55), em uma imagem associada a memórias congeladas de momentos traumáticos, carregada de emoções, que se tornam parte do inconsciente. É composto por um conteúdo afetivo, que consiste em um elemento nuclear e em um grande número de associações que foram postumamente aglutinadas a ele. Rememoram Singer e Kaplinsky (2010, p.57) que: “o complexo é definido como um grupo autônomo, amplamente inconsciente e emocionalmente carregado de memórias, ideias e imagens aglomeradas em torno de um núcleo arquetípico”. A constelação de um complexo pode restringir mais e mais a vida do sujeito quanto mais fortes forem os complexos, e, à medida que isso acontece, mais fraco se torna o Ego.

Os complexos estão carregados de energia, e podem ser constelados no contato com o ambiente, em um momento psicologicamente carregado, em que os complexos perturbam a consciência, podendo ocorrer, neste contexto, uma perda de controle por parte do sujeito de suas emoções e comportamento. A capacidade de neutralizar, em certa medida, os efeitos do complexo, são pré requisitos para a adaptação e a sobrevivência; mas é essencial que estes sejam constelados ao longo da vida do sujeito, para que possam ser expostos à reflexão

consciente do ego e alterados, para que, quando for constelado, não gere no sujeito uma perturbação incontrolável. Entretanto, vale ressaltar que um complexo não pode ser completamente eliminado, mas sim modificado. A terapia é espaço privilegiado para que os complexos possam ser vivenciados e a eles atribuídas novas camadas, através do processo de transferência. Neste sentido:

Na psicanálise junguiana, um objetivo importante é tornar os complexos pessoais mais conscientes. Desse modo, a energia que está contida dentro deles é liberta e fica mais disponível para o desenvolvimento psicológico. Elizabeth Osterman, uma psicanalista junguiana sênior de uma geração passada, gostava de dizer que tinha aprendido que os complexos dela jamais desapareceriam por completo, mas uma luta de vida inteira com eles tinha resultado em que seus efeitos debilitantes, inclusive mau humor, durassem apenas cinco minutos ao invés de décadas (Singer e Kaplinsky, 2010, p. 57).

## 5. Sombra

Sombra e Persona são, para Jung, um par de opostos, que configuram as polaridades do Ego. Whitmont (1995) postula que "a sombra, portanto, consiste nos complexos, nas características pessoais que repousam em impulsos e padrões de comportamento, os quais são uma parte "escura" definida da estrutura da personalidade" (p. 146).

Entende-se, desta maneira, a sombra enquanto a parte da psique que contém partes da personalidade que pertenceriam ao ego se estivessem integradas. Mas, uma vez que foram suprimidas, devido à dissonância cognitiva ou emocional, recaem na sombra. Esta seria inconsciente e projetada no mundo e nos outros. O que nela reside é tudo aquilo que foi rejeitado pela consciência do ego, por serem incompatíveis com o ego consciente e a Persona. Estes conteúdos seriam complementares à persona, mas excluídos da identidade consciente por serem incompatíveis com a imagem da Persona (Stein, 2006, p.98).

No processo de individuação, conceito a ser explorado adiante, é que ocorre a integração entre estes polos, que depende da aceitação pela pessoa de si mesmo, das áreas ou partes de si mesmo que não pertencem ao ideal da Persona. Quando ocorre uma aceitação deste oposto, é possível que se tome uma atitude em relação às partes de nós que não nos agradam, ou que não estão em conformidade com a Persona com que nos identificamos. Quando observamos um conflito grande entre os opostos, pode-se dizer que estaria acontecendo uma crise na individuação, que surge enquanto uma oportunidade para crescer através da integração. Neste sentido, uma solução surgirá quando o ego puder encontrar o meio do caminho entre esses opostos, ou seja, criar um vazio interior no qual o inconsciente possa oferecer uma solução criativa na forma de um novo símbolo. Assim, é possível uma nova atitude por parte do ego, uma nova forma de relacionar-se com o mundo, em que antigos conflitos são superados e partes

anteriormente inaceitáveis de si tornam-se parte de uma nova Persona (Stein, 2006, p.113). Entretanto, para que isso ocorra, é importante que exista um espaço que seja continente para esse desenvolvimento, como o espaço terapêutico ou uma experiência de vida satisfatória. Cenários de extrema vulnerabilidade afetam amplamente a possibilidade de lidar criativamente com os conflitos, muitas vezes, até, inibindo o desenvolvimento do Ego, e enfraquecendo-o.

## **6. *Self*, Processo de Individuação e Função Transcendente**

O Si-Mesmo, ou *Self*, é para Jung, fator transcendente da psique humana, equivalente à integridade da psique. Ele atua sobre o sistema psíquico visando a produção de símbolos de integridade, ou seja, gerando símbolos compensatórios quando o sistema psíquico corre o perigo de fragmentar-se, sendo que estes símbolos surgem através de sonhos ou fantasias, ou em relações e interações com o mundo (Stein, 2006, p.143). Além disso, este fator seria aquele que contém os polos opostos da psique, e é aquele que circunscreve a integridade psíquica, estando relacionado ao caráter autorregulador da psique. O *Self* se configura, portanto, enquanto o fator que ordena o sistema psíquico e o mantém unido, é o centro ao qual é incumbida a tarefa de unificar as peças.

A experiência total de integridade ao longo da vida é denominada de individuação. Seria este o processo de tornar-se uma personalidade unificada e única, ou seja, um indivíduo cuja psique está mais integrada. "É o processo pelo qual uma pessoa se torna um indivíduo psicológico, ou seja, uma unidade consciente separada e indivisa, um todo distinto" (Stein, 2006, p.167). É um processo dinâmico que objetiva, portanto, unificar, primeiro, a consciência do ego e, em seguida, todo o sistema psíquico consciente e inconsciente. Para que isso ocorra, é necessário que se entre em contato com as emoções e afetos ligados a conteúdos inconscientes, através da ativação de complexos que perturbam o ego, e que oferecem um potencial para desenvolvimento. É através do conflito entre opostos que o processo de individuação se torna possível e o ego se fortalece. Consiste, portanto, em um processo de transformação constante que acontece ao longo da vida do indivíduo.

Compreende-se, por fim, o conceito de Função Transcendente enquanto algo que não é misterioso, suprassensível nem metafísico, mas uma função que é psicológica e 'transcendente', na medida em que resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes (Jung, 2013c, p.13). Essa conexão entre consciente e inconsciente se faz pelo eixo ego-*Self*.

Enquanto futura psicóloga, estabelece-se um compromisso com a realidade psíquica do paciente, de modo que, neste estudo, buscou-se acolher e lançar luz às vivências profundas e singulares de cada uma das mulheres entrevistadas.

### CAPÍTULO III - O Negócio Social Utopiar

Como apontado anteriormente, a Utopiar é um negócio social dedicado à moda *slow fashion*, cujo objetivo consiste em oferecer apoio psicológico, jurídico e abrigo para mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo, em parceria com ONGs especializadas; e cursos gratuitos de técnicas de bordado, estampas em *block print* e tingimento, abrindo espaço para que, aquelas que desejarem, tornem-se parte do negócio e ganhem uma maior autonomia financeira. Durante os encontros organizados para as mulheres que optaram por participar do projeto, as integrantes se dedicam a uma nova atividade e têm a oportunidade de trocarem umas com as outras. Para isso, a Utopiar arca com todo o custo do estoque e as mulheres são remuneradas por peça produzida e não por peça vendida, de modo que não dependem das vendas para receber e têm uma maior previsibilidade de renda.

Para verificar a possibilidade de realizar a presente pesquisa, realizou-se uma conversa com a fundadora do negócio, Renata Rizzi, que contou um pouco sobre a história de criação e sobre o projeto desenvolvido. Segundo ela, foi a partir de uma vivência pessoal dolorosa que surgiu a inspiração para criar a Utopiar. Através do projeto, Renata teve espaço para ressignificar seu próprio sofrimento e proporcionar um lugar de cuidado, acolhimento e empoderamento para outras mulheres. A empresa era composta apenas por mulheres e teve seu crescimento impulsionado quando recebeu o investimento do Professor Muhammad Yunus, internacionalmente reconhecido por ter criado o conceito de “Negócio Social”, pelo qual venceu o Prêmio Nobel de 2006.

O *Yunus Social Business*, empresa criada pelo professor, fomenta negócios sociais locais na África, América Latina e Índia, impulsionando-os para que se tornem Negócios Sociais, nos quais os lucros obtidos com a ampliação do projeto são reinvestidos nos próprios negócios ou em outras iniciativas, visando a multiplicação e ampliação do impacto social gerado.

As mulheres chegaram à Utopiar encaminhadas para o projeto a partir de ONGs parceiras, participaram dos cursos e, tiveram a escolha de produzir peças para venda, se tornando parte do projeto, retirando os materiais e produzindo em suas casas. As turmas de capacitação aconteciam mensalmente, contando com 4 oficinas conjuntas e com material disponível para trabalhar em casa. Ao fim dos cursos, era realizada uma cerimônia de formatura. O perfil destas mulheres, segundo Renata, não seguia um padrão. Algumas ainda estavam em situação de violência, outras já haviam saído, e apenas algumas realizaram denúncia contra seu agressor.

A remuneração das que optam por tornar-se parte do negócio, como mencionado, era feita por produção, de modo que cada mulher estabelecia sua carga horária e o quanto pretendia entregar. Inicialmente, o projeto foi pensado com o objetivo de gerar renda e favorecer o

empoderamento e a independência financeira destas mulheres, mas, hoje, Renata aponta que o trabalho foi muito além disso.

Como apontado, a vivência de VPI tende a se mostrar demasiadamente solitária. Neste sentido, a experiência do lugar comum, que acolhe mulheres que passaram ou passam pela mesma vivência, se mostra importantíssimo, na medida em que abre espaço para que se estabeleça uma rede de apoio, além de um lugar seguro e de relações horizontais, o que proporciona uma maior liberdade. Além disso, Renata destacou que, após a vivência do projeto e o compartilhamento de histórias, foi notável uma mudança na voz e na postura da maioria das mulheres. Além do empoderamento financeiro advindo da abertura de uma conta pessoal, o trabalho manual trabalha diversos aspectos importantes, a serem abordados adiante. É relevante destacar que o engajamento em um projeto comum amplia a sensação de pertencimento e conexão com o grupo, o que facilita a criação de uma rede de apoio.

Por fim, Renata ressaltou os desafios para o desenvolvimento do projeto que, atualmente, são inúmeros. Entre eles, o descuido dos órgãos públicos para com as vítimas, e a limitação do tempo de cuidado oferecido pelas ONGs têm grandes impactos na possibilidade de ação da Utopiar. A saída do ciclo de violência não é, de maneira alguma, tarefa fácil, entretanto, Renata ressaltou que, nos últimos tempos, a equipe vinha recebendo muitas ligações e muitos pedidos de ajuda, de modo que se reconhece a necessidade de repensar e ampliar o presente projeto. No momento de realização da presente pesquisa, Renata estava prestes a pausar o projeto, por motivos pessoais.

#### **CAPÍTULO IV - Trabalhos manuais enquanto prática terapêutica**

O referencial teórico escolhido no presente trabalho valoriza amplamente a compreensão simbólica enquanto parte do processo psicoterapêutico. Os símbolos podem aparecer de diversas formas e conter os mais diversos significados, sendo o trabalho artístico uma dessas formas. Assim, fez-se necessário compreender a importância do uso desta ferramenta enquanto prática terapêutica.

Para Arcuri (2004), o uso da arte como terapia demanda um reconhecimento da importância do processo criativo enquanto ferramenta que auxilia e facilita a autopercepção, que possibilita a reconciliação de conflitos emocionais e promove o desenvolvimento pessoal. Para a autora:

A arte pode ser uma força capaz de levar o homem além do “vazio”. (...) A arte devolve a liberdade à alma aprisionada pelo vazio, pelo medo ou ainda pelos

sentimentos que não tem nome. (...) A arte proporciona o reconhecimento da dinâmica psíquica, é uma via de acesso à totalidade do ser (p.30).

Neste sentido, podemos rememorar, também, o que foi dito por Fiorindo (2014):

Na Arteterapia esta possibilidade, de nos encontramos com o “todo”, é facilitado pelas expressões artísticas, que trazem os conteúdos do consciente e do inconsciente. Portanto, nas duas abordagens – Psicologia Analítica e Arteterapia – verificamos o conceito de unidade, onde há a superação da visão fragmentada da percepção da realidade para que haja um desenvolvimento integral do ser na relação com ele mesmo, com o mundo e com o todo.

É importante ressaltar que a ideia de totalidade do ser é amplamente explorada por Jung ao tratar dos conceitos de Self e do Processo de individuação, sendo que este segundo precede a existência de um ego aberto para entrar em contato com conteúdos inconscientes, abertura essa que pode ser facilitada pelo trabalho com a arte. Deve-se ressaltar que: “individuação não significa individualismo ou isolamento, mas o processo que ocorre em relação dialética, dinâmica e em constante movimento entre o individual e o coletivo” (Costa Neto, 2018, p. 26).

Ainda, pode-se ressaltar que, segundo Carvalho: “O uso da arte como terapia implica um processo criativo que pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais, como de facilitar a autopercepção e o desenvolvimento pessoal” (Carvalho, 1995, p.739). Fortuna, por sua vez, também destaca o papel da arte enquanto meio indispensável para a união do indivíduo com o todo, podendo refletir a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias (Fortuna, 2000, p.740).

Costa Neto (2018) aponta para o trabalho manual enquanto forma de construção e transmissão de conhecimento que, segundo ela, pode restituir ao ser humano a percepção de sua dimensão coletiva, favorecendo o reconhecimento em sua trajetória de uma dimensão que ultrapassa o nível pessoal e se sinta como parte da comunidade humana. A autora rememora que o processo de se perceber como parte de um todo maior e ao mesmo tempo produzir singularidade está diretamente relacionado ao que Jung denominou de "processo de individuação". Ela postula, portanto, que:

As atividades expressivas seriam, então, uma maneira de o indivíduo entrar em contato com aspectos da realidade que foram negligenciados pela consciência - cuja função é adaptativa, unilateral e seletiva -, abrindo-se para o novo e viabilizando a mudança (p. 88).

Assim, pode-se reconhecer o papel social e transformador da arte, dado que, através dela, segundo Rocha (2023), o indivíduo desenvolve modos de se expressar e estar no mundo, encontrando também estilos e possíveis marcas pessoais. Para a autora, a partir do trabalho manual, as emoções e sentimentos são expressos de forma simbólica, relacionando a arte

produzida com o mundo interior do artista, o que lhe permite criar significados e interpretações sobre esses conteúdos que, até então, lhe eram desconhecidos.

Pinna, em sua monografia, explora o uso dos fios na arteterapia, resgatando que o trabalho com fios no processo arte terapêutico pode promover o encontro com conteúdos simbólicos contidos no inconsciente pessoal e no inconsciente coletivo, de modo que tal encontro, além de enriquecer, tende a possibilitar o aprofundamento da individuação feminina (Pinna, 2011, p. 84).

No livro de Ronnberg e Martin (2010), os autores propõem uma reflexão acerca de imagens arquetípicas, rememorando escritos junguianos. Muitas são as associações passíveis de serem feitas dos elementos a serem descritos a seguir, dado que suas representações simbólicas estiveram presentes em diversas culturas em diversos momentos históricos, de modo que, no presente trabalho, só será possível explorar algumas de suas características simbólicas.

O ato de tecer/fiar possibilita a criação do tecido, no qual serão feitas as costuras e os bordados. Este ato é descrito por estes autores enquanto:

O cruzamento do tempo e do espaço, onde os mundos visível e invisível são unidos através da tecelagem, com cada forma que se cria a transformar-se em um fio grande na tapeçaria da vida. (...) A tecelagem significa assim criar, fazer algo a partir da substância da pessoa. (p.456)

Ainda, para rememorar a tecelagem nos mitos, Ronnberg e Martin explicam que, na mitologia, as mulheres da Odisseia adquiriram sua voz tecendo. Helena, a do fuso dourado, tecia as cenas da guerra de Tróia, transformando a sua tapeçaria num poema épico. Penélope desafiou os seus pretendentes desfazendo durante a noite o que tinha tecido durante o dia. Quando a sua casa regressa por fim à ordem, estas tecelãs transformam-se em fiandeiras, produzindo o fio para que outras mulheres teçam as suas próprias histórias (Pantelia, 495-7 *apud* Ronnberg e Martin, 2010, p. 456).

Acerca do ato de coser, enquanto símbolo, os autores atrelam a essência do ato de costurar ao seu caráter de trabalho manual criativo que une o tecido. Eles reforçam como, simbolicamente, a costura nos evoca a ideia do próprio corpo como vestuário da alma, da fiação da vida e dos fios do destino (p.460).

Com relação a isto, Costa Neto (2018) aponta que:

Podemos pensar a costura como metáfora para o impulso arquetípico representado por Eros em sua função de agregar, reunir, juntar, relacionar etc. Isso não apenas no jogo amoroso, do qual fazem parte os relacionamentos, mas em nossas tentativas de juntar, de fazer relação entre nossos mundos interno e externo, colocando assim a psique em movimento. A costura pode ser pensada como uma representação possível para a dinâmica simbólica, por meio da qual se pode dar a ampliação da consciência, um

símbolo que nos ajuda a compreender a maneira como tal processo acontece. Ela pode ser feita com o melhor arranjo em determinado momento, quando alinhavamos, e depois pode ser desmanchada, para ser rearranjada posteriormente em melhores composições (p.119).

Para além disso, a autora ressalta que:

(...) o ato de costurar pode ser revestido por aqueles que o realizam simbolicamente. A costura pode ser realizada evocando sua qualidade de ligação, sua possibilidade de fazer laços, por meio dos quais nos conectamos afetivamente uns aos outros. (p.125)

O bordado, por sua vez, é passível de ser feito através de diversas ferramentas, como agulhas, linhas, fios e pedrarias, permitindo ilimitadas formas de expressão (Costa Neto, 2018). É, então, um trabalho manual que envolve escolhas e que, segundo Fonseca (2015), permite ao indivíduo, a partir dos fios e linhas, ser agente transformador das tramas e caminhos que cria, sendo possível a construção de algo novo que pode ser reconstruído e transformado em outros momentos. Sobre este processo, Rocha (2023) discorre:

Ao criar um símbolo a partir da atividade manual, a bordadeira pode reviver memórias pessoais sob outro ponto de vista, atribuindo-lhes novos sentidos que, por sua vez, podem permitir a aceitação e a resignificação de aspectos que ainda não haviam sido elaborados. (...) Por intermédio do bordado, é possível representar e comunicar de forma não verbal a história de vida, valores, sentimentos e percepções, materializando o modo próprio de ver e viver no mundo no tecido. (...) O bordado, portanto, é uma possibilidade de mediação e expressão de conteúdos inconscientes que precisam ser integrados à consciência, podendo promover a compensação da unilateralidade consciente do indivíduo, ao operar como uma ponte na qual os opostos podem encontrar-se. Ademais, ao bordar, é possível vivenciar um tempo distinto do cronológico, chamado Kairós, definido como o tempo vivido de forma subjetiva, ou seja, o contato com o fazer manual torna a passagem do tempo vinculada à atitude de bordar e não às horas do relógio, permitindo uma apreciação mais demorada das imagens interiores refletidas sobre o tecido. (p.31)

Todos os aspectos descritos neste capítulo pretendem introduzir a discussão acerca do caráter transformador da arte enquanto recurso de acesso ao inconsciente promotor de transformações psíquicas. Ao escrevê-lo, notou-se a vasta abrangência das interpretações de um só símbolo, além da quantidade de material já escrito acerca do caráter terapêutico dos trabalhos manuais. Muitos aspectos poderiam ser mais amplamente explorados, como: a relação da arte com o Inconsciente coletivo; as raízes arquetípicas do tecer, coser e bordar; a individuação feminina ao longo da história, atrelada aos trabalhos manuais; o fio enquanto o fio da vida de cada indivíduo; etc. Para não perder “o fio da meada” da presente pesquisa, optou-se por destacar os aspectos considerados mais relevantes, na medida em que dão suporte para uma posterior análise do trabalho prático.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se pauta em uma abordagem qualitativa, e procedimento metodológico descritivo e exploratório, uma vez que a pesquisa acontecerá em dois momentos. Uma parte, inicial, envolve uma revisão bibliográfica feita com base nos dados que evidenciam o fenômeno da violência doméstica, e também em uma revisão de literatura que abranja pesquisas já feitas na área, ou que tenham relação com a teoria Junguiana e o fenômeno da VPI. A segunda parte tomará forma através de entrevistas semiestruturadas, que possam trazer à luz as vivências individuais de cada uma das mulheres que passaram pelo projeto e concordaram em compartilhar suas histórias.

Pode-se denominar a presente pesquisa enquanto qualitativa uma vez que busca investigar sobre os processos que envolvem a vivência da violência por parceiro íntimo, e as consequências sociais e emocionais da participação no projeto da Utopiar. Os temas bases da pesquisa são: violência por parceiro íntimo, mulheres violentadas, negócio social, empoderamento financeiro, arte e ressignificação da vivência.

De acordo com Brêtas (2000), para uma pesquisa ser de abordagem qualitativa, ela deve ser:

(...) representada por estudos que buscam compreender questões da realidade que não podem ser quantificadas, ou seja, aqueles que trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p.83).

Assim, o delineamento das etapas de pesquisa surge conforme esta relação dialética se forma, lançando luz às suas próprias necessidades de investigação para que possa ser revelado aquilo que está além da informação objetiva, não seguindo um modelo pronto. No processo de pesquisa qualitativa, a qualidade da informação colhida é compreendida a partir das relações que os próprios participantes estabelecem em relação ao que entendem sobre o tema explorado.

Apesar de a população de estudo não ser uma população clínica, o presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa clínica por se calcar em um processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

Tendo em vista que esta pesquisa se trata de um estudo na ciência da psicologia, aquilo que buscamos compreender contempla a noção de que “do ponto de vista epistemológico, o fato de a psique ser tanto sujeito como objeto de conhecimento [...] é o ponto crucial desta ciência” (Penna, 2014). A partir desta constatação, justifica-se a escolha pelo método qualitativo no sentido de que o conhecimento é limitado tanto pela subjetividade do sujeito

conhecedor quanto pela objetividade do “outro” (interno ou externo, a vermos) a ser conhecido, sendo assim impreterível a noção de imparcialidade pretendida no método quantitativo.

Mais a especificamente respeito da metodologia adotada e desenvolvida em psicologia analítica, podemos considerar, segundo Penna (2014), que no paradigma junguiano se destaca a articulação entre totalidade e diversidade, de modo que o outro está contido no todo do qual faz parte o eu, e nesse sentido lhe é desconhecido. Nesta visão, a noção de inconsciente, não coincide exatamente com o desconhecido, mas o inclui. Do ponto de vista egóico, o mundo externo e o inconsciente são experimentados pelo ego como “o outro”, o que acarreta diversos tipos de conexões entre o eu e o outro, que podem ser entendidas em termos de diferença e similaridade ou união e separação, ou ainda, oposição e complementaridade (Penna, 2014, p.83).

Com relação a apreensão destas informações, Penna (2014) delimita a maneira com que o método junguiano investigará a dinâmica pesquisador-pesquisado a partir de sua perspectiva metodológica. A autora postula que o processo de pesquisa, na etapa de apreensão do fenômeno, compreende dois sistemas em constante e intensa interação: o sistema pesquisador com seus aspectos conscientes e inconscientes, e o sistema pesquisado – fenômeno psíquico a ser conhecido – símbolo – com seus aspectos conhecidos e desconhecidos, manifestos e subjacente. Neste caso, pesquisador e pesquisado fazem parte e compartilham a dimensão coletiva consciente e inconsciente (Penna, 2014, p.94).

### **1. Participantes com critérios de inclusão e exclusão**

As participantes da pesquisa foram mulheres, voluntárias, de diversas idades, sem critério específico, que aceitem compartilhar sua vivência da Violência por Parceiro Íntimo e na Utopiar de forma anônima; através de perguntas disparadoras que foram elaboradas pela pesquisadora e aprovadas pelo Comitê de Ética. Todas as entrevistadas devem ter vivenciado ou estar vivenciando o projeto da marca de moda Utopiar, e tiveram que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde estarão claras as informações acerca do sigilo e proteção das informações fornecidas.

### **2. Instrumentos**

O instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista semiestruturada (ou semidirigida), visto que esta é frequentemente tomada como ferramenta metodológica privilegiada para a investigação do ponto de vista dos sujeitos e apreender a experiência do outro. Recorre-se a ela quando se acredita que para compreender certo fenômeno é preciso

considerar o ponto de vista ou a perspectiva dos atores sociais que o vivenciam, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas vivências relatadas.

Acerca de sua estrutura, Fontanella et al. (2006) afirmam:

Tipicamente, a entrevista semidirigida deveria ter um caráter aberto ao início, quando uma primeira pergunta é considerada - a chamada a questão disparadora. Ela focaliza o trabalho de investigação, encorajando a geração de ideias, deve ser bem entendida para a resposta ser suficientemente desenvolvida. A pergunta não deve se referir a um assunto ambíguo, nem deve endereçar-se a um tópico sobre o qual o entrevistado não tenha habilidade emocional ou cognitiva para falar. A frase usada para focar o problema não deve ser muito geral, nem muito específica, impedindo desenvolvimentos que não tenham sido de interesse do entrevistador. Obviamente, a pergunta disparadora está relacionada diretamente ao objetivo geral da pesquisa. (p.5)

A opção pela técnica da entrevista é justificada pela afirmação de Duarte (2004):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (p. 215).

Com isso, entende-se que a entrevista semiestruturada tem por foco um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras inerentes às circunstâncias da realização das entrevistas. Para além da coleta de informações básicas, o roteiro funciona como parâmetro de organização para o pesquisador na sua interação com o entrevistado (Mazzini, 2003).

Assim, acredita-se que tal instrumento se mostra benéfico para:

- a. Contribuir para a compreensão mais ampla do fenômeno da VPI;
- b. Compreender as consequências da violência na psique das mulheres;
- c. Observar o efeito da participação dessas mulheres no projeto da Utopiar;
- d. Pensar práticas de cuidados possíveis para a saída do ciclo de violência.

### **3. Procedimentos**

As participantes da pesquisa foram voluntárias participantes do projeto da Utopiar. Objetivava-se que fossem todas vítimas de VPI, mas, afinal, conseguiu-se apenas 2 voluntárias que haviam sofrido violência e uma que tinha entrado no projeto por outro motivo. O contato com elas foi feito através da Renata, uma das idealizadoras do projeto, que repassou o telefone de quem se interessar em participar das entrevistas. Foram, ao todo, 3 entrevistadas, de maneira

remota, de modo que cada entrevista teve duração de um encontro de mais ou menos uma hora. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos participantes e os trechos de maior relevância foram transcritos na íntegra.

No início da entrevista, realizou-se uma breve apresentação pessoal da pesquisadora, além de uma retomada dos principais tópicos do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Buscou-se destacar a relevância acadêmica e pessoal de estudar a violência contra mulher e seus desdobramentos, citando o interesse por projetos que promovam o empoderamento feminino. Além disso, ressaltou-se a importância da experiência compartilhada e de enxergar novas possibilidades de existência. Por fim, enfatizou-se, mais uma vez, o sigilo das informações que seriam discutidas e o cuidado com a história pessoal de cada participante, agradecendo-as pela disponibilidade. Antes de encerrar as entrevistas, procurou-se dar espaço e atenção aos sentimentos e ideias presentes, uma vez que a atividade pode vir a mobilizar conteúdos afetivos, possivelmente traumáticos, em sua maioria.

Para posterior análise, foram levados em consideração, também, os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações da entrevistadora. O cuidado com a exposição dos participantes foi constante, de modo que foi essencial uma postura aberta e prontidão por parte da pesquisadora, para responder a perguntas, curiosidades e comentários.

#### **4. Procedimento de análise dos resultados**

As informações obtidas por meio da coleta de dados foram analisadas à luz do material produzido por meio da revisão da literatura, que consta dos capítulos teóricos, e também com base nos conceitos da Psicologia Junguiana destacados nos mesmos.

Realizaram-se inúmeras leituras e sínteses das narrativas, a fim de obtermos um relato condensado que ao mesmo tempo contenha as informações mais significativas. Identificaremos temas a respeito dos tópicos sob investigação, buscando, portanto, uma análise em categorias. O tema é, segundo Bardin (1991, p.105) "uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto" e, para (Minayo, 2012, p.621-626) "um feixe de relações (que) pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo".

Por fim, deu-se ênfase à realização de ampliações dos símbolos que surgiram ao longo das entrevistas, tendo em vista que este é um método importante em qualquer tipo de análise na perspectiva junguiana.

Segundo Penna (2013), a amplificação simbólica foi um método utilizado por Jung na interpretação dos sonhos, em especial. Os sonhos eram, para o teórico, manifestações simbólicas de cunho individual, símbolos individuais por excelência. Através da amplificação,

buscam-se, os significados arquetípicos do símbolo, e os significados pessoais, ligados aos complexos, podem ser investigados pelas associações que o sonhador (indivíduo) faz em relação ao seu sonho (símbolo). Segundo a autora:

O procedimento da amplificação tem suas raízes no método associativo usado por Jung no teste de associação de palavras e, ainda, no conceito de pensamento não dirigido que flui por imagens, analogias e metáforas. A amplificação apoia-se também na hipótese do significado preexistente do símbolo, ou seja, seu caráter arquetípico, e na possibilidade de conexões sincrônicas nos eventos psicológicos (p. 213).

Com base nos estudos prévios de Jung, pode-se postular a amplificação simbólica enquanto um tipo específico de procedimento metodológico, que pode ser aplicado ao material psíquico com a finalidade de favorecer a tradução dos símbolos. O processo de amplificação simbólica consistiria, portanto, em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo, por meio de associações e analogias que fluem numa cadeia contínua de similaridades, com o intuito de traduzir e interpretar o material simbólico desconhecido.

Assim, o presente estudo reconhece a importância de utilizar a amplificação simbólica enquanto método primordial em uma pesquisa em psicologia analítica e arte, reconhecendo este processo enquanto:

O ato de ampliar e enriquecer o símbolo por meio de analogias diversas favorece a compreensão de seu significado arquetípico, pela diversidade de possibilidades oferecidas ao ego para captar seu aspecto oculto e encontrar o significado que mais sentido faça para a consciência atual. (Penna, 2013, p.214)

## **5. Considerações éticas**

Destacam-se também, nesta pesquisa, as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade.

Segundo a Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012 complementada pela 510/2016, as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas, através do respeito aos seguintes princípios e critérios disciplinados pelos textos normativos do Brasil:

### **a) Autonomia**

O critério da autonomia se refere ao direito dos sujeitos de pesquisa à sua autodeterminação. Tal direito procura ser garantido nas pesquisas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pela proteção a grupos vulneráveis e a pessoas legalmente incapazes.

### **b) Beneficência**

Por este critério se entende que a pesquisa esteja comprometida com o bem de seus sujeitos individuais ou coletivos, reais e potenciais; busque, em vista disso, prever danos e riscos; garanta a participação dos sujeitos nos resultados benéficos da pesquisa.

c) Não-maleficência

Afirma o compromisso de não causar danos, desde físicos e psíquicos aos morais e éticos. Supõe a explicitação de medidas de prevenção diante dos riscos e de reparação diante de danos possíveis.

d) Justiça

Entende-se pela justiça, que a pesquisa tenha relevância social e uma destinação humanitária, voltada para a proteção e cuidado das pessoas e do ambiente assegura a distribuição equitativa dos custos e dos benefícios entre os sujeitos da pesquisa, sendo particularmente protegidos os sujeitos vulneráveis.

e) Privacidade e Confidencialidade

Implícitas no critério da autonomia, a privacidade e confidencialidade são direitos dos sujeitos no que diz respeito aos dados da pesquisa que envolve sua intimidade, vida privada, imagem e todas as informações obtidas pela pesquisa, que os sujeitos quiserem ver preservadas. A privacidade e confidencialidade de tais dados estarão explicitadas no TCLE, bem estará assegurado seu uso apenas dentro dos declarados objetivos da pesquisa.

É fato que sempre há riscos nas pesquisas com seres humanos, de modo que deve haver preocupação por parte do pesquisador em minimizá-los. Para tanto, na presente pesquisa, demonstrou-se atenção e cuidado com a carga emocional potencialmente mobilizada nos encontros, na medida em que a pesquisadora se colocou à disposição para outros contatos que possam ser necessários para a elaboração das vivências relatadas, de forma a garantir a beneficência das participantes.

É importante pontuar, ainda, que, antes de ser desenvolvido, o projeto de pesquisa foi submetido à base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humano, Plataforma Brasil, em outubro de 2023, sob o protocolo de número 75614323.9.0000.5482, e aprovado em dezembro de 2023.

## RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas em abril de 2024. Foram, ao todo, três entrevistadas voluntárias, com quem o contato foi realizado através do Whatsapp. Ao contactá-las, a pesquisadora se apresentou, explicou brevemente o projeto em questão e a importância de suas participações, e disponibilizou-se para realizar a entrevista da maneira que fosse mais confortável para as participantes: por ligação de áudio, ligação de vídeo ou através de um encontro presencial. Duas delas escolheram realizar a entrevista através de ligação de vídeo, e uma através de ligação de áudio. Lhes foi comunicado que a duração seria de mais ou menos 1h e reforçou-se o caráter sigiloso dos resultados que seriam publicados posteriormente, e também foi enviado o Termo de Compromisso para que pudessem ler e assinar.

Houve especial atenção com as palavras usadas, de modo a criar, desde o princípio, uma relação de acolhimento entre pesquisadora e entrevistadas. Todas ficaram empolgadas com o convite, as entrevistas foram agendadas para dias seguidos de uma mesma semana. Em todas as ligações, houve um cuidado com o ambiente em que se realizaria a entrevista, visando que este fosse calmo e que não ocorresse nenhuma interrupção. A todo momento, esteve-se atenta ao caráter planejado para a realização da entrevista: uma entrevista semidirigida, que abrisse espaço para que as participantes trouxessem o que lhes fizesse mais sentido naquele momento, mas também com algumas perguntas norteadoras.

Iniciou-se todas as entrevistas com uma fala introdutória anteriormente planejada: um agradecimento pela disponibilidade de cada uma em conversar comigo; uma breve apresentação pessoal, seguida de uma explicação acerca da pesquisa, o porquê da escolha do tema e a relevância de estudá-lo; uma ênfase na importância da participação de cada uma tendo em vista os objetivos estabelecidos; um esclarecimento acerca do envio do TCLE após a entrevista. Por fim, ressaltou-se o direito das entrevistadas em desistir de participar mesmo que já houvessem assinado, colocando-se à disposição para ouvi-las e para responder quaisquer questionamentos que surgissem.

Descreve-se aqui os resultados obtidos, já com uma sensação de “missão cumprida”. As falas que foram transcritas na íntegra estão em itálico, formatadas conforme a formatação usada nas citações.

### 1. Tulipa

A primeira entrevistada se chama Tulipa, nome escolhido por ela quando entrou na Utopiar. É uma mulher de 60 anos, divorciada, com dois filhos de seu antigo casamento. Casou-se com 20 e poucos anos com o único namorado que tivera na vida e o casamento teve longa

duração. Teve sua primeira filha um ano após o casamento, momento em que recorda terem começado os conflitos com seu ex-marido. Hoje mora com seu filho mais novo, na casa onde morou com seu ex-marido. Relatou ter feito terapia desde que seus filhos nasceram, não de forma constante. Quando começamos a conversar, disse que sua história era longa, e que tudo tinha começado com um abuso que havia sofrido na infância.

Nasceu em uma família pobre, em que seu pai e sua mãe brigavam muito. Seu pai era de família italiana e sua mãe de família japonesa. Hoje diz que se vê, finalmente, como uma pessoa curada, por isso consegue falar do que aconteceu. Diz que viveu acompanhada de traumas a vida toda e que foi uma adolescente reprimida, triste, que se cobrava muito, desde cedo, por ter tido muitas responsabilidades quando criança, uma vez que era a filha mais velha e que tinha que cuidar de seus irmãos.

Há mais ou menos 10/15 anos atrás se viu em uma depressão, em meio à luta de fazer seu casamento sobreviver. Buscou ajuda psicológica e religiosa e diz:

*“Meu casamento não tinha comunicação boa, não queria separar, na minha mente casei casado para sempre. (...) Todo mundo olhava para mim como uma mulher forte, (...) achavam que independente do que estava acontecendo devia permanecer”.*

Quando relembra a violência sofrida, diz que ficou muito machucada e se diz bem sozinha. Segundo ela, seu marido tinha crises de raiva, arremessando coisas. Ela queria conversar e então eles brigavam. Ele a tratava com silêncio, às vezes ficava meses sem falar com ela e não mantinham relação sexual. Durante o casamento, entrou em um ciclo de culpa e pensava que tinha que ser melhor, toda vez que ele a agredia.

Ele a violentou verbal e fisicamente.

*“Palavras depreciativas acabam com as pessoas”.*

Ouviu até dos filhos palavras depreciativas sobre si mesma, e da mãe também. Relata que era o ideal de mulher forte, que passava por cima de tudo e fazia tudo por todos, mas que um dia chegou ao seu limite e, em suas palavras, “surtou”.

*“Com a coisa da separação eu fiquei sem casa, sem dinheiro, eu saí somente com a minha roupa no corpo. (...) Foi muito difícil por conta das pressões, das acusações, do julgamento e do sentimento de rejeição que eu descobri nessa época que existia em mim”. “Fui fazer uma atividade para me recolocar no mercado de trabalho, e eu precisava ganhar dinheiro. Fiz o que precisava fazer para a minha sobrevivência”.*

Após a separação, a família de origem, também marcada por violência, só deixou que morasse com eles em um quartinho na garagem, onde ficou durante os 3 primeiros anos na Utopiar. Conheceu o projeto através de uma ONG em que teve a oportunidade de aprender a

fazer trabalhos artísticos manuais, que funcionam, ao seu ver, como uma terapia ocupacional. Ficou 6/7 anos na Utopiar, até que, por motivos pessoais, as donas do negócio tiveram que fazer uma pausa.

Lá, chegou até a dar aula de bordado, e diz:

*“A gente se doava e compartilhava histórias”.*

Segundo ela, também participavam, junto com a Renata, das decisões sobre a produção. Bordava e costurava, chorava e ria. Foi um importante espaço para que pudesse falar da dor.

*“No dia em que a Renata fazia um evento e falava para cada uma contar sua história, era só choro”.*

Quando a Utopiar teve que fazer uma pausa, sentiu muita falta,

*“Tinha encontrado naquelas pessoas e naquele espaço a família que precisava”. A interação foi levantando a gente, eu agradeço muito, foi uma benção”.*

Hoje, ainda mantém contato com a Renata e falam da esperança de voltarem ao projeto. Está trabalhando há 2 meses no Movimento Transbordar e se diz feliz. Pelo vídeo, me mostrou o que estava produzindo.

*“A gente acredita muito nesse trabalho, ele tem capacidade de transformar a vida das pessoas. A gente não vai lá só para ganhar dinheiro, é um trabalho que nos ajuda e ajuda a gente a ajudar umas às outras”.*

*“Como é bom quando você tá na dor e você encontra pessoas que também estão na dor, que ouvem você, sem te julgar. Porque, às vezes, a gente precisa falar né? (...) Quando você abre sua fala, abre seu coração, você abre espaço para sua cura. Então naquele espaço que tinha mágoa, tinha dor, tinha ressentimento... Quantas vezes eu não falei para as meninas lá: Você tem valor, porque eu aprendi que eu tenho valor”.*

Relata que o projeto despertou nela o sentimento de valorização e criou ali um novo propósito para sua existência. Diz: *“Na dor, a gente cresce”.*

*“Eu me dei tanto porque era uma carência minha, eu queria sentir esse amor”.*

Hoje, vive com renda abaixo de meio salário mínimo, mas tem grandes sonhos para o futuro. Tem uma amiga que ajuda em seu sustento, e a quem é muito agradecida.

Tulipa diz que o trabalho manual mudou seu olhar para o bordado, dando espaço para que olhasse para os detalhes das coisas. A arte, para ela, foi a ponte para que pudesse conhecer pessoas e estabelecer novas relações e, hoje, sonha em viajar para muitos lugares por conta do trabalho com bordado.

*“Eu amo fazer bordado, eu amo pintura, costuro (...) Eu amo conhecer pessoas, tá aqui conhecendo a Julia hoje é maravilhoso”.*

Quando questionei sobre sua flor escolhida, descreveu-a enquanto alegre, bonita e singela. Disse que seria azul e que habitaria um lugar de paz, com muita vida:

*“Meu lugar hoje é um lugar de paz, muitas flores, muita alegria”.*

Logo em seguida, perguntou se poderia me mostrar a Tulipa que havia bordado e que deixava pendurada em seu quarto. Assenti, ela me mostrou e eu me emocionei.

Em certo momento, retomei o assunto do término do projeto. Ela disse:

*“Era difícil porque eu não podia contar com a minha família, então a pausa teve impacto financeiro e psicológico. Mulheres que vinham com as suas dores e ali tinham a oportunidade de ter uma profissão, de ter um dinheiro. Partiu o nosso coração porque a gente não queria deixar”.*

Quando estava chegando ao fim, a questionei acerca do que diria se conhecesse agora uma mulher que estivesse passando pelo que passou. Ela divide:

*“Reforçaria o quanto ela tem valor e diria que sempre há esperança, mesmo que ela não consiga compreender o porquê de tudo estar acontecendo”.*

## **2. Lírio**

Lírio é uma mulher de 65 anos, com um filho hoje casado. Conheceu a Utopiar também através da mesma ONG que Tulipa, uma ONG que acolhe mulheres vítimas de violência doméstica, onde já fazia acompanhamento psicológico. As idealizadoras da Utopiar foram à ONG em busca de pessoas que quisessem entrar para o Projeto da Utopiar, e, segundo a entrevistada, ela vinha de uma situação em que não confiava em ninguém, nem em si mesma, então sua primeira reação foi desconfiar do convite recebido. Depois de reforçarem de que era seguro, começou a frequentar as oficinas.

Quem estava ensinando, na época em que entrou, era A., de quem Lírio relata já ter gostado desde o início por ser muito meiga e muito maravilhosa, em suas palavras. Ela diz:

*“Eu estava tão assim né, Julia, na época, que eu só estava indo, só fazia, não tinha realmente consciência do que eu estava fazendo, devido à minha situação que, aí, foi muito difícil. Eu estava sem confiar em ninguém mesmo, estava em um estado meio caótico”.*

*“O bordado me ajudou a sair da situação que eu estava vivendo psicologicamente. Eu não sabia nem o que eu estava fazendo. Estava com agulha, linha, o pano, mas não sabia o que estava fazendo. E aí eu gostei, me sentia bem, não via o dia de voltar lá”.*

Diz que quando estava em tratamento psicológico gostou muito, se sentia bem. Um dia, relata, a Renata chegou no escritório e viu uma camiseta com um rosto bordado, disse que estava perfeita. Ela compartilha:

*“Dali para lá caiu minha ficha né, que eu estava fazendo alguma coisa e que alguém estava reconhecendo, eu sabia que eu estava aprendendo a fazer. E aí desse dia para cá eu aprendi a gostar do bordado. A Utopiar nessa altura foi, sabe, meu porto seguro. Eu aprendi a ver que eu estava sendo desrespeitada, desvalorizada, em todos os momentos, em todos os sentidos dentro de casa. Eu achava que eu era a culpada de tudo isso, sabe?”*

Para Lírio, o que unia as mulheres participantes do projeto era a amizade que criaram, através dos relatos e das histórias de cada uma. Reconheceu que as mulheres ali estavam passando por situações similares à sua ou, em suas palavras, até piores que a sua.

*“E assim foi nascendo uma grande afeição, um amor pela Utopiar, pelas mulheres de lá”. Foi uma mão que eu não tinha, uma mão que se estendeu e disse: ‘você não é a única, você tem chance, você tem uma oportunidade de ver as coisas com outros olhos’.*

Percebi, neste ponto, que isso criava um senso de comunidade, de coletividade, de empatia. Em um momento de caos, a Utopiar mostrou que havia chance, estendeu a mão para Lírio e possibilitou o resgate de um novo olhar para a vida. Hoje, sente saudade do projeto e de suas colegas.

Quanto à vivência da violência diz:

*“Entrar em detalhes das coisas que aconteceu, eu, eu não gosto, Julia, porque machuca, sabe? São lembranças de atos que eu não quero relembrar porque me faz muito sofrer”.*

Diz que via que as participantes tinham um senso de esperança agarrado à Utopiar, o coletivo era um sonho, estavam sonhando e criando.

*“Na hora que a Re fez a reunião, só tinha choro. A família<sup>3</sup> estava se separando e não era aquilo que a gente queria no momento. Era como se tivesse tirado um pedacinho da gente”.*

Ela diz que eram parte do sonho da Re, tinham uma história ali dentro. Na realização do sonho da Re, conseguiram deixar uma parte de si para fora e entrar naquele mundo.

*“Foi uma coisa muito significativa na minha vida e eu realmente queria estar do lado da Utopiar ainda”.*

---

<sup>3</sup> Aqui o termo “família” se refere à família de escolha, vivenciada no espaço proporcionado pela Utopiar com as pessoas com quem convivia ali.

Naquele espaço, compartilhavam uma história comum, e os bordados permitiam uma reconstrução desta história. Era um lugar onde a dor não entrava, e que possibilitava a imaginação - sempre imaginava que mulher usaria a roupa que estava bordando. A arte permitia o sonho, e ali estava uma roda de Amor.

Hoje faz cursos na ONG em que estava antes de ir para a Utopiar para distração e participa também do Movimento Transbordar.

*“É o bordado, uma coisa que mexe com a cabeça, com as mãos”.*

*“Eu viajava, imaginava as pessoas usando...”*

*“O que eu mais gostava era a integração”.*

Escolheu o Lírio como sua flor porque estava ligada à sua irmã, que, quando faleceu, tinha esta flor em sua casa, a qual Lírio trouxe para cuidar. Se surpreendeu quando viu a flor despontando e desabrochando. Para ela, o lírio que se imagina é uma flor que se sente em paz, mas é solitária.

*“Eu vejo ela solitária, às vezes sai um botão só... E é assim que eu me sinto”.*

Nesta entrevista, resolvi usar a pergunta “Se você fosse um animal, qual seria?”. Ela diz que gostaria de ser uma gata, é um bicho que, segundo ela, é um doce, que não faz mal a ninguém. “Mas eu queria ser a minha gata, você entendeu?”. Sua gata foi dada por uma amiga, que pediu que cuidasse.

Hoje em dia, sem a Utopiar, diz que se sente sem vontade de conversar, não sente espontaneidade e sente que perdeu a confiança na vida de novo, suas relações são apenas superficiais. De sonho, gostaria de viajar muito e ter saúde.

*“Trabalhar, eu não sou uma pessoa intelectual, com uma profissão definida. Sempre me dediquei ao lar, cuidei do meu filho...Nesses projetos me vejo sim trabalhando, realizando minhas coisas”.*

A palavra que a define é Gratidão. Em três anos, gostaria de ser descrita pela palavra “Perseverança”. Depois da Utopiar diz que passou a ver as coisas de forma diferente, permitiu que ela visse que havia outras formas de se expressar e, hoje, não tem medo de existir, reconhece seu lugar no mundo.

*“Não tenho mais medo de falar ‘oi, estou aqui’, porque antes eu tinha medo, como eu te falei, eu achava que eu era culpada de tudo, que tudo eu tava errada, que eu não sabia de nada. Depois da Utopiar eu consegui ver que, do meu jeito, mas eu tenho um lugar na sociedade”.*

Se encontrasse hoje uma mulher que estivesse passando pelo que ela passou, diria:

*“Lute e reconheça o seu lugar, não abaixe a cabeça para que as pessoas não te pisem e saiba dizer não”.*

Viveu 25 anos com medo de tudo e com medo de ser julgada. Vê que é importante que as pessoas que cuidam busquem a aproximação das mulheres que sofrem violência. Relembra, neste ponto, um bordado que fez e amou. Estava escrito: “É metendo a colher que acolhe” e diz que é isso mesmo, é incentivando as pessoas, se aproximando que acolhe.

### **3. Hortênsia**

Hortênsia conheceu a Utopiar através de uma ONG de artesanato de seu bairro, que frequentou em 2021, após muito tempo presa em casa, por conta da pandemia. Não foi vítima de violência, como as demais, mas decidiu participar do projeto quando Natália, sócia de Renata, foi à ONG e chamou quem quisesse para aprender a bordar nas oficinas da Utopiar.

Aprendeu a bordar no projeto e diz que foi um lugar muito importante para que pudesse conversar e trocar com outras mulheres. Depois do curso, pode entrar para trabalhar com a equipe e ganhar seu dinheiro. Estava muito triste na época e o convívio com outras pessoas foi o que mudou a forma como se sentia. Nas semanas em que não tinha oficina, sentia muita falta.

Escolheu a flor Hortênsia por conta de sua avó. Era lilás e era rodeada de muitas flores diferentes. Quando a Utopiar parou, diz que foi muito difícil e triste financeiramente, e também por conta do convívio que o espaço promovia. Eram 15 bordadeiras e mais o pessoal do escritório. Para ela, a palavra que a define é Fé, principalmente em si mesma, e, se pudesse, faria psicóloga sempre, diz que verbalizar o que sente permite que o sujeito escute a si mesmo.

Na Utopiar, podia chorar junto de outras colegas e diz que, sem a Utopiar, teria ficado com depressão. Em relação às suas colegas, diz que percebia nos discursos que as vítimas não reagiam e não saíam do ciclo de violência por conta dos filhos, de culpa e da dependência financeira do marido.

Terminou a entrevista perguntando se eu sabia de Gérbera<sup>4</sup>, uma colega da qual nenhuma delas tinha tido notícias desde o fim da Utopiar, e com a qual se preocupavam muito, pois vivia uma situação de violência gravíssima.

Optei por incluir também sua entrevista aqui, mesmo que fuja do perfil buscado, porque também traz dados importantes para a pergunta que norteia a presente pesquisa. Algumas perguntas ficaram de fora nesta parte, mas, como estava mais interessada em escutá-las

---

<sup>4</sup> Nome fictício adotado por mim para proteção de identidade.

verdadeiramente, a entrevista acabou seguindo o caminho trilhado pela entrevistada e, com certeza, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

As entrevistas foram, sem dúvidas, uma parte potente, forte e transformadora do presente trabalho. Ao fazê-las, tive a estranha sensação de que já conhecia de outras vidas as mulheres que entrevistava e, mesmo de longe, me senti profundamente conectada a elas. Percebeu-se, também, que, para elas, falar sobre si era demasiadamente importante, e que muitas coisas em comum foram faladas pelas três. A análise aqui proposta se baseia na metodologia explicitada anteriormente, acerca da qual é essencial ressaltar que: “(...) toda uma multiplicidade de interpretações do símbolo irá nos ocupar. Nunca se pode formular uma correspondência simples, exata” Kast (1990, p.27). Assim, diversas são as possibilidades de interpretações contidas em uma fala, um gesto, um símbolo. Aqui, serão feitas as aproximações que parecerem mais coerentes e importantes de serem exploradas.

Para dar início à análise é importante ressaltar um primeiro aspecto: a escolha por parte da Renata e da Natália de dar às participantes nomes de flores. Nomes de flores que elas mesmas escolhessem, o que já implicava o processo de falar por si, de se reconhecer, de se nomear. Nomes que as protegeriam de serem identificadas, mas que seriam escritos em cada etiqueta de cada peça que produzissem, de modo que sua marca ficaria ali, registrada, para sempre. Pode-se especular como isso concedeu às participantes uma sensação de existir, e com significado e relevância, contribuindo para seu protagonismo naquele espaço e também na própria vida.

A flor é um elemento extremamente simbólico e que pode ser visto enquanto essencial no projeto da Utopiar. De acordo com as reflexões de Ronnberg e Martin (2010) as flores são a marca da primavera, surgindo enquanto uma representação de renovação, despertar e renascimento. É símbolo importante em diversos mitos, aparecendo enquanto elementos “notavelmente resistentes”, como postulam os autores, que florescem mesmo em condições adversas. Postulam:

As flores são incorporadas em rituais e sacramentos em todo o mundo, como símbolo do eros, beleza, perfeição, pureza, fertilidade, alegria e ressurreição. A forma mais simples de flor, radial, é a mandala natural, que liga simbolicamente a flor, o círculo e o movimento eterno, cósmico, em redor de um centro místico orientador. As características bissexuais da flor sugerem a união dos opostos no devir do Self. (...) A flor faz a ponte entre o mundo manifesto e o mundo oculto, os domínios da latência e da potencialidade e os da geração da vida (p.150).

Vemos, portanto, que a flor carrega em si a ideia de semear, crescer e desabrochar; a ideia daquilo que é cíclico, e que permite um renascimento. Ela precisa de cuidados, de sol, de

água; e vive um ciclo de vida, em que, antes de morrer, desabrocha. Processo este tão similar ao que observamos nos relatos das entrevistadas. Que lindo ver como aquilo que as identificava era um símbolo tão poderoso, que adquire significado quando elas conseguem imaginar essa flor, e seu relato surge como similar ao que elas mesmas vivenciam.

Hortênsia, por exemplo, relatou ter escolhido esta flor por conta de sua avó. Em seu imaginário, essa flor era lilás e era rodeada de muitas flores diferentes, assim como ela, que destaca o convívio na instituição, com várias mulheres diferentes, algo que a salvou de uma possível depressão, em um momento em que se sentia extremamente sozinha. A cor lilás é uma das variações da cor púrpura, comumente conhecida como “roxo”. Esta é uma mistura das cores primárias azul e vermelho, razão e emoção, respectivamente. Assim, pode ser vista, psicologicamente, enquanto a união de energias opostas dentro de um indivíduo (Ronnberg e Martin, 2010, p.654), movimento este que pode ser observado em Hortênsia, que consegue identificar uma mudança interna desde que entrou no projeto.

Lírio escolheu sua flor porque ela estava ligada à sua irmã, que, quando faleceu, deixou um lírio em sua casa, que a entrevistada trouxe para cuidar, porque senão iria morrer. Em seu relato, conta que se surpreendeu quando viu a flor despontando e desabrochando. Para ela, o lírio que se imagina é uma flor que se sente em paz, mas é solitária, assim como ela. Pode-se, em sua descrição, perceber que o lírio foi uma flor deixada na casa de sua irmã após a morte, um lírio que ainda não havia desabrochado e que, se não fosse cuidado, iria morrer. Será que não poderíamos transpor a história da flor para a história da entrevistada? Não estaria ela, antes de entrar na Utopiar, fechada e precisando de cuidados, senão morreria? Além disso, Lírio relata surpresa ao ver a flor desabrochar e tornar-se o que se tornou, o que também pode refletir o seu próprio processo de se reconhecer enquanto parte deste mundo, de sair do embotamento em que estava.

O lírio foi um símbolo forte em diversos momentos históricos nas mais diversas culturas, desde a Grécia Antiga, na mitologia, na tradição cristã, até a China. No que nos interessa aqui, vale destacar o seguinte trecho:

Com grande capacidade de regeneração, o lírio surge mesmo depois de um incêndio ou de um período de seca. A alquimia referenciava o lírio como evocando a própria essência de Mercúrio, o espírito das profundezas inconscientes da psique e do *opus transformador* (Ronnberg e Martin, 2010, p.156).

Lírio também descreve que se imagina uma flor branca, e não se pode deixar de ressaltar a simbologia da escolha desta cor em específico. Em suas reflexões, Ronnberg e Martin (2010) destacam que o branco sugere névoa, vapor e éter, e o vazio e o silêncio fantasiado que antecede

as primeiras cores sólidas do mundo diferenciado. As vestes brancas, no catolicismo, estavam associadas ao renascimento, e o lírio da páscoa anuncia a ressurreição. Na alquimia, podia representar, por seu lado, a sabedoria conquistada com dificuldade.

Em seu discurso, Lírio relata o impacto que o fim da Utopiar teve em sua vida. Ela voltou a não confiar nas pessoas e ficou mais solitária. Diferentemente de Tulipa, que se diz “curada”, mesmo que também sinta falta do projeto, percebe-se que o processo de Lírio ainda estava acontecendo e que a ruptura com o projeto foi precoce em sua história. Poder-se-ia, também, reconhecer que a sabedoria com que Lírio hoje fala foi, de fato, conquistada com dificuldade. Por outro lado, deve-se destacar que a flor Lírio representa aquela que renasce mesmo após um incêndio ou de uma seca, que carrega em si o *opus* transformador.

Tulipa descreveu sua tulipa imaginária enquanto alegre, bonita e singela. Disse que seria azul e que habitaria um lugar de paz, com muita vida, e emendou dizendo que hoje seu lugar é um lugar de paz, com muitas flores, muita alegria. Também esta entrevistada espelhou a si mesma na flor que imaginou, o que demonstra a existência de um processo identificatório com a flor escolhida.

Azul é uma cor marcante no planeta, é cor das águas, do céu, é a cor mais rara da natureza. Ele está ligado à eternidade, ao além, à beleza sobrenatural, à transcendência religiosa, ao espiritual e ao mental (...). Diz-se:

Ao mesmo tempo, o azul transmite frieza. Ele arrefece e acalma. É a cor do luar. A luz azul abranda o ritmo cardíaco, baixa a pressão sanguínea (...) O azul pode ser visto como um meio caminho entre o desespero preto e o branco da esperança e da clareza, sugerindo um estado de reflexão e de distanciamento. Ligado às sombras e à escuridão, o azul traz profundidade (Ronnberg e Martin, 2010, p.650).

Considerando a flor enquanto um símbolo na vida destas mulheres, devemos recordar que, como postulado por Kast (1990) quando os símbolos se tornam passíveis de serem experienciados em um processo terapêutico, o sujeito passa a se sentir mais vivo, mais emocional, possibilitando que se estabeleça um contato entre consciente e inconsciente. Assim, podemos ressaltar a importância do sujeito de entrar em contato com o símbolo, que, segundo a autora, é portador do desenvolvimento criativo num processo terapêutico, de modo que o processo de individuação surge, no símbolo, enquanto experienciável e claro (Kast, 1990, p.39). Neste sentido, a Utopiar surge enquanto um projeto que adquiriu caráter terapêutico, apesar de não oferecer terapia de grupo, uma vez que proporcionou um espaço de compartilhamento e trocas, sustentador das diversas emoções que ali se manifestaram.

O nome de flor era o início de uma identidade que seria resgatada naquele espaço. Ao terem abertura para imaginar qual flor gostariam de ser, as mulheres já entraram em contato

com a possibilidade de ser outra coisa que não aquilo que sempre foram, ou para além da forma como eram enxergadas pelo mundo até então. A imaginação, neste contexto, ganha um caráter lúdico, que demanda um acesso a novos recursos, que favorece o contato com o inconsciente, e o surgimento de novos fluxos psíquicos de energia. Neste sentido, deve-se recordar que, para a psicologia analítica, a imaginação de determinado conteúdo não emerge sem finalidade, mas expressa a psique do sujeito que imagina e pode, por vezes, revelar conteúdos de complexos afetivos, que são constelados nesse primeiro momento e podem ter emergido em outro momento durante a vivência da Utopiar.

Além disso, o surgimento de elementos mitológicos nos discursos das mulheres durante a entrevista, quando foram estimuladas a pensar um cenário para a vida desta flor, revelam projeções de seus inconscientes, que podem surgir enquanto guias para a psique de cada uma. Entretanto, é importante lembrar, que toda análise deve ser feita sempre em diálogo com as questões pessoais trazidas pelo sujeito. De qualquer forma, a passagem pelo simbólico é essencial para que consciente e inconsciente possam ser integrados. Vale ressaltar que as entrevistas propiciaram um terreno fértil para que pudessem acessar conteúdos inconscientes e para que pudessem emergir alguns símbolos, mas que seria necessário um processo terapêutico duradouro para que as análises pudessem ser ampliadas e os conteúdos elaborados.

Após as entrevistas, foi solicitado às mulheres que, caso quisessem, enviassem fotos de bordados que foram especiais em sua trajetória. Tulipa enviou duas fotos: uma delas era uma camisa amarela bordada com aplicações de sois feitos em crochê; a outra era uma camisa com “*BeYOUtiful*” bordado nas costas. Para Lírio, sua favorita era uma camiseta que tinha um bordado de um rosto metade coberto por flores, como se as flores estivessem brotando da pessoa. Percebeu-se, ao longo da pesquisa, tamanho envolvimento que as participantes tiveram com o projeto. Diversos aspectos pareciam fazer a diferença, desde a prática da arte até a vivência do grupo.

Poder-se-ia, aqui, também analisar o simbolismo de cada um desses bordados, que tiveram destaque no processo de cada uma das flores. Não se trata de definir cada um dos símbolos, mas explorar os diversos sentidos possíveis dos mesmos. O sol é, segundo Chevalier e Gheerbrant (1982, p. 836): "uma fonte de luz, do calor e da vida. Seus raios representam influências celestes - ou espirituais - recebidas pela terra". Para além de tornar as coisas mais vivas, o raio do sol manifesta as coisas, e representa a extensão de um ponto principal. Além disso, nos textos hindus apontam o Sol enquanto a origem de tudo o que existe, o princípio e o fim de toda manifestação. Entretanto, algo curioso é observado pelo autor: o sol é, sob outro aspecto, também potencialmente destruidor, ligado ao princípio da seca, à qual se opõe a chuva que fecunda o mundo novamente. O ciclo solar representaria, ainda, a alternância vida-morte-

renascimento. O autor reitera: "O Sol está no centro do céu como o coração no centro do ser", sendo então o Sol o coração do mundo, e um elemento fundamental do universo.

A camisa onde o sol amarelo estava bordado era também amarela. O amarelo é, segundo Chevalier (1982, p. 40), a mais quente, mais ardente e mais expansiva das cores; é cor de luz e de vida. É representativo da luz de ouro, que é um caminho de comunicação nos dois sentidos, um mediador dos homens e dos deuses. Ele diz, ainda, que: "Na cosmologia mexicana, o amarelo-ouro é a cor da pele nova da terra, no início da estação das chuvas, antes que se faça verde de novo", estando associada à ideia de renovação.

A palavra "BeYOUtiful", se traduzida, é uma mistura de "*Be yourself*" - "seja você mesmo" - com a palavra "*beautiful*" - que significa "bonita". Seria esse trocadilho, portanto, carregado da ideia de que a beleza estaria em ser quem se é verdadeiramente.

Por fim, a camiseta do rosto da mulher de onde desabrocham flores é extremamente significante. Ela traz figurativamente a ideia de um florescer pessoal, em que existe um terreno fértil nessa mulher, que permite que suas flores desabrochem. Pode-se enxergar este bordado enquanto representativo do processo que ocorre naquele espaço. A Utopiar se torna um lugar em que as sementes internas de cada mulher-flor são regadas, e, aos poucos, é possível que essas sementes germinem e desabrochem, cada uma à sua maneira. Rememorando Chevalier e Gheerbrant (1982, p.439): "(...) muitas vezes a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual", e seu simbolismo varia de acordo com a cor que a acompanha. No caso deste bordado, muitas eram as cores representadas, entre elas: amarelo, rosa e vermelho.

Outro aspecto importante a ser destacado é a presença de sentimentos de medo e culpa, que é comum no discurso de Tulipa e Lírio. Tulipa rememora que em seu casamento não havia comunicação, ele sentia raiva e a agredia verbal e fisicamente e, depois, a tratava com silêncio, quase como se ela não existisse, como se não merecesse a atenção dele. O silêncio parece surgir enquanto uma forma para castigá-la, o que estaria ligado ao sentimento de que estava, de fato, fazendo algo de errado. Triste, ela diz: "*Palavras depreciativas acabam com as pessoas*".

Tulipa relata que sempre foi vista enquanto uma mulher forte, e, por isso, sentia que deveria permanecer naquele relacionamento, já que, em suas palavras, uma vez que estava casada, deveria permanecer casada para sempre. Vemos, neste discurso, uma identificação de Tulipa com a Persona da mulher forte, que assume a responsabilidade de cuidar do casamento e do lar; uma concepção diretamente relacionada, também, com o ideal de amor romântico presente no imaginário social, em que a separação surge enquanto transgressão. É essencial pontuar, aqui, que Tulipa havia sido abusada já durante a sua infância, uma vivência, infelizmente, comum no Brasil hoje, mas que tem consequências diretas e gravíssimas na constituição psíquica do sujeito e na

sua relação com o mundo. Observa-se, em seu discurso, o quanto todas estas vivências foram gerando nela uma sensação de incompetência e insuficiência, que justificam sua fala de que pensava que tinha que ser melhor, toda vez que ele a agredia.

Lírio, por sua vez, tem discurso similar ao de Tulipa. Vinha de uma situação em que não confiava em ninguém, nem em si mesma, de modo que sua primeira reação foi desconfiar do convite para participar da Utopiar. Diz que viveu 25 anos com medo. Sempre se dedicou ao lar e ao seu filho, e, sempre que as agressões aconteciam, achava que era culpada de tudo, que em tudo estava errada, que não sabia de nada. Apesar de não sabermos o tipo de violência sofrida por Lírio, vemos a imensa fragilidade em que se encontrava quando conheceu a Utopiar, e também o lugar de culpa, que a aprisionava.

Observa-se, analisando estes casos, que se tratava de uma relação com um homem em quem, em algum momento, confiaram muito. Um homem com quem escolheram compartilhar a vida, com quem escolheram criar uma família. Mas, também, um homem que, através da violência, reafirma a estrutura patriarcal, machista, da sociedade, em que circula a ideia de que a mulher deveria aguentar, ser subserviente, e que, se as coisas não vão bem, a culpada é ela. Eles cometem, assim, um crime pelo qual, muitas vezes, não vão pagar. E quem paga o preço, no fim, são as mulheres, que têm a confiança que depositaram nestes homens quebrada repetidas vezes, juntamente com a confiança que tinham em si mesmas. Neste sentido, no Relatório do Observatório de Segurança de 2022, é reiterado que culpabilizar a mulher pelos atos de violência é uma questão do âmbito da subjetividade que reproduz processos históricos e socioculturais e que trata a violência contra a mulher enquanto um “problema” individual, quando deveria ser tratado como uma questão de toda a sociedade (Santana *et al.*, 2022, p.16).

Sair de relações abusivas é de extrema dificuldade. Grande parte das mulheres, além dos sentimentos pelos parceiros e a dependência psicológica, pensam nos filhos ou não têm condições financeiras nem locais para onde ir caso vá embora, de modo que é essencial o auxílio financeiro e o abrigo às vítimas como política pública. Mesmo para mulheres que ainda não estão decididas a ir embora, é preciso que possam buscar redes de apoio e pessoas de confiança, para que tenham consciência de que não estão sozinhas, sendo possível quebrar o ciclo da violência com o apoio das redes de acolhimento (Gonçalves *et al.*, 2022, p.12).

Costa Neto (2018) relembra o caráter do grupo enquanto espaço importante tanto de socialização quanto para rituais de troca e pertencimento. Ela diz:

Pensando nos grupos de mulheres que se reúnem formal ou informalmente para costurar e bordar, imaginamos que a ideia da construção de um produto (o tecido bordado) que evoque e de certo modo materialize as lembranças escolhidas pelo sujeito para serem contadas pode se traduzir em um interessante material de troca.

Nesse sentido, os grupos que se reúnem em torno de tal experiência podem ser considerados grupos vivenciais, como conceituados por Freitas (2005), que afirma ser o grupo o próprio campo interacional onde ocorre a experiência e que possui a qualidade de possibilitar a experiência da dimensão psicológica em si. Para caracterizar o grupo como vivencial, alguns elementos parecem ser bastante significativos: o campo interacional, a ritualização simbólica, a mediação e a possibilidade da experiência (p.40).

Neste sentido, pode-se reconhecer este tipo de experiência nos relatos das entrevistadas, como quando Hortênsia diz que estava muito triste na época em que entrou no projeto e que foi o convívio com outras pessoas que mudou a forma como se sentia. Nas semanas em que não tinha oficina, sentia muita falta. Ou quando Lírio descreve que o que unia as mulheres participantes do projeto era a amizade que criaram, através dos relatos e das histórias de cada uma. Reconheceu que as mulheres ali estavam passando por situações similares à sua ou, em suas palavras, até piores que a sua e que assim nasceu uma grande afeição, um amor pela Utopiar, pelas mulheres de lá. Para ela, foi uma mão que não tinha, uma mão que se estendeu e disse: “você não é a única, você tem chance, você tem uma oportunidade de ver as coisas com outros olhos”. Com isso, pode-se lembrar que uma visão mais ampla sobre uma vivência abre novas possibilidades de escolha para a vítima, e que contar a própria história e ter ouvinte interessada e acolhedora é parte fundamental para que ela possa se reorganizar, resignificando o passado e possivelmente elaborando as dores, num movimento de reparação.

As falas das entrevistadas reforçam aquilo que Costa Neto (2018) postulou:

Através de suas mãos, muitas mulheres assumem uma atitude simbólica e conferem ao seu fazer um status de transformação de suas realidades, transformação que opera na perspectiva da individuação. (p.140). (...) A elaboração do vivido pressupõe um tempo no qual o sujeito percebe a realidade, o tempo de compreender, no qual a realidade é preenchida com sentido e no qual a compreensão da experiência pode se transformar em ato (p.142).

Vemos, com isso, o quanto a prática do bordado e a experiência do grupo caminham juntas. Que foi necessário que existisse um propósito comum, que reunisse aquelas mulheres, e que, através da prática, pudesse ser proporcionado um espaço de cuidado, afeto, segurança e pertencimento. Algo similar foi relatado por Lopes (2017) em sua pesquisa, quando diz:

Assim, algumas de nós começamos a bordar apenas para ter um novo grupo de amizade ou preencher o tempo, ou se sentir útil de alguma forma, ou simplesmente pelo fato de aprender algo novo. Muitas vezes não importava se existia o dom ou aptidão das artes manuais, mas a vontade de estar ali no convívio de outras pessoas. Cada uma de nós tinha um porquê de estar no grupo. Percebi que o maior incentivo em fazer o curso de bordado não era exatamente aprender a bordar e sim, estar inserida em núcleo de pessoas com as quais se possa ter uma relação de troca de experiências, fazer novas amizades, expandir conhecimento e o bordado era mera consequência (Lopes, 2017, p.36).

Entretanto, o bordado assume um papel essencial no processo todo. Devemos lembrar que, segundo Arcuri (2004):

A retomada da criatividade possibilita transformações e atribuições de novos significados às experiências vividas, frustradas, ou simplesmente sonhadas. Desta forma, as experiências dolorosas e suas cicatrizes podem ser integradas numa consciência ampliada (Arcuri, 2004, p.29).

Tulipa retrata isso quando diz que o trabalho manual mudou seu olhar, dando espaço para que olhasse para os detalhes das coisas. A arte, para ela, foi a ponte para que pudesse conhecer pessoas e estabelecer novas relações e, hoje, sonha em viajar para muitos lugares por conta do trabalho com bordado. Ela diz:

*“Eu amo fazer bordado, eu amo pintura, costuro (...) Eu amo conhecer pessoas, tá aqui conhecendo a Julia hoje é maravilhoso”.*

A arte surge, portanto, como prazer em si e também como intermediária para se sustentar, fazer relações, abrir a cabeça, se rever e se valorizar. Ela continua:

*“A gente acredita muito nesse trabalho, ele tem capacidade de transformar a vida das pessoas. A gente não vai lá só para ganhar dinheiro, é um trabalho que nos ajuda e ajuda a gente a ajudar umas às outras”.*

*“Como é bom quando você tá na dor e você encontra pessoas que também estão na dor, que ouvem você, sem te julgar. Porque, às vezes, a gente precisa falar né? (...) Quando você abre sua fala, abre seu coração, você abre espaço para sua cura. Então naquele espaço que tinha mágoa, tinha dor, tinha ressentimento... Quantas vezes eu não falei para as meninas lá: Você tem valor, porque eu aprendi que eu tenho valor”.*

O projeto despertou em Tulipa um sentimento de valorização e criou ali um novo propósito para sua existência. Lírio diz que depois da Utopiar passou a ver as coisas de forma diferente, permitiu que ela visse que havia outras formas de se expressar e, hoje, não tem medo de existir, reconhece seu lugar no mundo.

*“Não tenho mais medo de falar ‘oi, estou aqui’, porque antes eu tinha medo, como eu te falei, eu achava que eu era culpada de tudo, que tudo eu tava errada, que eu não sabia de nada. Depois da Utopiar eu consegui ver que, do meu jeito, mas eu tenho um lugar na sociedade”.*

Vemos que a Utopiar surgiu justamente enquanto um lugar que possibilitou uma transformação na vida de suas participantes. Lírio saiu de um estado de quase embotamento à possibilidade de aprender, criar, desenvolver-se e ganhar autonomia psicológica. Uma vez que teve sua identidade reconhecida e validada, e uma base segura, conseguiu começar o seu processo de libertação. Tulipa fala de uma relação democrática que existia entre elas e as idealizadoras do projeto, sendo este um lugar que permitiu sentir, expressar, compartilhar e ser

ouvida. Um espaço em que eram reconhecidas, suas experiências eram validadas, e era continente para as dores e sofrimentos compartilhados.

Houve, portanto, um impacto direto do projeto no processo de individuação de suas participantes. Ao compartilharem, aspectos de suas sombras entravam em contato com a consciência, e complexos afetivos eram constelados. Quando constelados, a consciência era perturbada, mas aquele espaço oferecia segurança para manejo das emoções que emergiram. Ao falarem de seus medos, traumas e vivências era possível ressignificar os conteúdos antes inconscientes e integrá-los à consciência, o que acarretou em um fortalecimento do ego. As entrevistas só foram possíveis porque a participação na Utopiar possibilitou que as participantes reconhecessem que suas vozes eram dignas de serem ouvidas, e elas mesmas eram dignas de serem enxergadas. Assim, ocorreu nas flores a aceitação de áreas ou partes de si mesmas que não pertencem ao ideal da Persona, através da união de polos, da integração entre consciente e inconsciente.

Reitera-se, então, a importância desse compartilhar: de falar e ser ouvida, de cuidar e ser cuidada. Entre as "flores" estabeleceram-se relações simétricas, de troca igualitária entre o dar e o receber, que seria nomeado por Giddens (1993) como um relacionamento puro, que caracteriza relações de amor e amizade. Àquele grupo elas pertenciam, e, com o bordar enquanto mediador, desenrolava-se ali um processo auto terapêutico, em que, ao compartilharem suas dores, essas mulheres aprenderam a se expressar e puderam elaborar e integrar conteúdos que lhes causavam grande sofrimento. Com isso, foram capazes de formular novos olhares sobre si mesmas, ou seja, construir imagens de si diferentes daquelas construídas durante a vivência da relação, ou, até, por toda sua vida até aquele momento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após um ano e meio de dedicação a essa pesquisa, é possível considerá-la de extrema relevância. Na etapa de levantamento de dados e revisão bibliográfica, indicou-se um cenário nacional assustador quanto à segurança e proteção das mulheres, além do gravíssimo sofrimento psíquico advindo da vivência da Violência por Parceiro Íntimo: o que foi, por sua vez, devidamente comprovado através das entrevistas realizadas.

É inegável a existência de uma sociedade patriarcal, misógina, por trás de toda a Violência perpetrada contra mulheres. Isso foi amplamente constatado nas falas das entrevistadas, quando relatam o imenso e sofrido sentimento de culpa experienciado ao longo da vivência da relação abusiva. Além disso, estava presente o medo de expor sua situação às

pessoas ao seu redor, e também de deixar essa relação, uma vez que, daí, adviriam os julgamentos e estigmas sociais característicos do modelo social em que vivemos.

É na contramão de uma sociedade em que se diz que: "Em briga de marido e mulher não se mete a colher" que o negócio social estudado age. Propondo justamente que em um dos bordados estivesse escrito "É metendo a colher que acolhe", a Utopiar mostrou uma nova possibilidade de vida para suas integrantes. Isto foi dito enquanto o bordado favorito de Lírio, uma mulher que descreve sua vivência com uma tremenda dor, mas que reconhece como a sua participação no projeto abriu possibilidades de mudança, começando por uma autovalorização. Além disso, ocorreu naquele espaço a construção de um grupo suportivo e acolhedor com o qual Lírio pode se identificar. Com isso, foi possível que houvesse uma ressignificação e integração dos conteúdos vivenciados.

Quando questionada acerca do que diria se encontrasse hoje uma mulher que estivesse na mesma situação que ela, Lírio disse quealaria: *"Lute e reconheça o seu lugar, não abaixe a cabeça para que as pessoas não te pisem e saiba dizer não"*. Tulipa, por sua vez, disse que *"reforçaria o quanto ela tem valor e diria que sempre há esperança, mesmo que ela não consiga compreender o porquê de tudo estar acontecendo"*. Percebe-se, assim, o quanto a Utopiar proporciona a elas um resgate da confiança em si mesmas e no mundo.

Também foi possível observar, ao fim, o impacto financeiro que a saída do ciclo de violência tem na vida destas mulheres. Ambas ficaram completamente desamparadas quando decidiram romper com seus cônjuges e Tulipa, por exemplo, não conseguiu apoio nem de sua família que, na verdade, também se colocou contra ela. Portanto, é inegável a situação de extrema vulnerabilidade enfrentada por estas mulheres quando rompem com o ciclo de violência, de modo que o objetivo da Utopiar de empoderá-las financeiramente mostra-se extremamente relevante.

A arte também foi aspecto central na presente pesquisa. A revisão bibliográfica trouxe aspectos importantes do uso da arte enquanto recurso para acessar conteúdos inconscientes e com efeito terapêutico significativo, o que foi também postulado pelas mulheres-flores em suas falas. Na arte, elas puderam existir, fluir, sentir e se transformar. A arte é, por vezes, um artifício de vida.

Pode-se afirmar, portanto, que o projeto da Utopiar, enquanto ativo, cumpriu aquilo a que se propôs, e, pode ter, inclusive, gerado um impacto ainda maior do que o que foi aqui constatado e o que era idealmente imaginado por suas criadoras. É de extrema relevância a existência de projetos que usem da arte e do empoderamento financeiro enquanto práticas que

fortalecem a autoestima de mulheres vítimas de VPI, além de promoverem um espaço de troca, pertencimento e verdadeira existência para elas.

Por fim, vale ressaltar que os dados aqui contidos, as conclusões aqui expostas e o projeto investigado são de extrema relevância no sentido de trazer visibilidade para a temática da Violência por Parceiro Íntimo no Brasil, explorando práticas de cuidado já propostas em outros estudos e o que estava sendo feito no negócio social em questão. Além disso, é de grande interesse pessoal que a presente pesquisa seja capaz de impulsionar mais profissionais a dedicarem suas pesquisas a essa temática, além de fornecer dados para novas políticas e projetos de cuidado para com essa população.

O referencial teórico que embasou as reflexões foi extremamente útil para a análise proposta, além de ser de grande sentido quando se considera o olhar que C.G Jung propunha que os terapeutas tivessem com seus pacientes, com o qual me identifiquei demasiadamente. Relembro aqui um escrito de Jung marcante durante a minha Graduação, que com certeza, me acompanhará para o restante da minha vida profissional. Ele diz: “Enquanto ser humano, encontro-me diante de outro ser humano (...). Analista e Paciente se encontram, olhos nos olhos (...)” (Jung, 2016), e é desta maneira que me proponho a olhar as pessoas com quem cruzar por esta vida.

Todo tempo é pouco, toda palavra ainda falta, mas sempre existe o fim. Concluo este trabalho com enorme satisfação, podendo reconhecer que cumpri com o objetivo pensado no início, e que existiriam ainda inúmeros aspectos que poderiam ser aqui analisados, mas os deixo para próximas publicações. Finalizo, então, este trabalho, com as frases tão lindas que minhas mulheres-flores me disseram ao fim da entrevista, quando questioneei se gostariam de deixar alguma mensagem para ser colocada ao fim do trabalho. Elas disseram que “*sempre é tempo de reagir e tomar as rédeas de sua vida*” (Hortênsia), “*nunca desista de ser você e de lutar pelo que quer*”, (Lírio), porque, “*no fim, somos o início de tudo*” (Tulipa).

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL: EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Pesquisa revela que 70% das pessoas acreditam que mulher sofre mais violência dentro de casa.** Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-08-05/pesquisa-revela-que-70-das-pessoas-acreditam-que-mulher-sofre-mais-violencia-dentro-de-casa>. Acesso em: 5 mar. 2024.

ARCURI, I. G. P. **Arteterapia de Corpo e Alma**. 1. ed. [S.l.]: Cortez, 2004. p. 1-389.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991

BRÊTAS, A. C. P. Pesquisa qualitativa e o método da história oral: aspectos conceituais. **Acta Paul Enferm.**, v. 13, n. 3, p. 81-91, mar. 2000.

BUENO, S.; REINACH, S. A cada minuto, 25 brasileiras sofrem violência doméstica. **Revista Piauí**. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/cada-minuto-25-brasileiras-sofrem-violencia-domestica/>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CARVALHO, M. M. M. J (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1900.

CESeC - Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. **Dados Da Violência Contra Mulheres: Elas Vivem**. [s.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <[http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/03/EMBARGO-ATE-5AM-1003\\_REDE-DE-OBS-elas-vivem\\_-2.pdf](http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/03/EMBARGO-ATE-5AM-1003_REDE-DE-OBS-elas-vivem_-2.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos** [1906]. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

COLL, L. **Aumento da violência contra as mulheres tem relação com avanço do conservadorismo**. Unicamp. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/03/08/aumento-da-violencia-contras-mulheres-tem-relacao-com-avanco-do-conservadorismo>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

COSTA NETO, P. E. W. **A trama em atitude simbólica: um olhar da psicologia analítica de Jung sobre mãos que costuram, bordam e tecem**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24092018-094251/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, mar-abr/2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/pHhwdM5wyyL6nfJXVsLsDdy/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 9 mai. 2024.

DE ANDRADE, T. **Índice de violência doméstica no Brasil**. Jus.com.br. Disponível em: <<https://jus.com.br/noticias/98847/indice-de-violencia-domestica-no-brasil>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, n.4, p. 213-225, 2004. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 6 de Maio de 2024.

FAGUNDES, A. C.. **Brasil é o 5o país que mais mata mulheres** - Comunicação. Unifesp.br. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

FIORINDO, P. P. Arteterapia e Psicologia Analítica. In: **Revista Pandora Brasil**, n. 61, [n.p.], [s.l.], 2014.

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Datafolha. **Visível e invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil. 4a EDIÇÃO -2023**. [s.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <<https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

FONTANELLA, B. J. B.; CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.l.], v. 14, n. 5, set./out. 2006.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/KhvFsGT6xf5yxKXTqQ5PkRN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mai, 2024.

FONSECA, E. L. O bordado como representação simbólica no atendimento arteterapêutico. In: **Arte Revista**, v. 5, [s.l.], 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FORTUNA, SMCB. **Terapias expressivas**. Campinas: Editora Alínea; 2000.

GALVANI, G. **Brasil teve uma ligação de denúncia de violência doméstica a cada minuto em 2020**. CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-teve-uma-ligacao-de-denuncia-de-violencia-domestica-a-cada-minuto-em-2020/>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, N. P. et al. **Cuidado às mulheres em situação de violência conjugal: importância do psicólogo na Estratégia de Saúde da Família**. Psicologia USP, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 63-69, abr. 2014. DOI: 10.1590/S0103-65642014000100007.

JUNG, C. G. **Aion: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. São Paulo: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G. [1958]. **A natureza da psique: a dinâmica do inconsciente**. 10. ed. São Paulo: Vozes, 2013c.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. [1961]. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

KAST, V. **A dinâmica do símbolo: Fundamentos da psicoterapia junguiana**. 1. ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 1997. p. 7-223.

LOPES, M. C. F. **O Bordado como Arteterapia: Percepções e Sentimentos - Relato de experiência**. 2017. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LOURENCO, L. M.; COSTA, D. P. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202020000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 maio 2024.  
<http://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130109>

LUDERMIR, A. B.; SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F.; FRANÇA-JUNIOR, I.; JANSEN, H. A. **Violência contra mulheres por parceiros íntimos e transtornos mentais comuns**. Sociedade e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1063-1072, 2008.

LUDERMIR, A. B.; MENDONÇA, M. F. S. Violência por parceiro íntimo e incidência de transtorno mental comum. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, p. 1-8, 2017.

MANZINI, Eduardo J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. saúde coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

NETTO, L. de A. *et al.* Violência contra a mulher e suas consequências. **Acta Paul Enferm.**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 458-464, out. 2014. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20132014000500007&lng=pt&nrm=abs](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20132014000500007&lng=pt&nrm=abs). Acesso em: 10 mai. 2024.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e Método na Obra de C.G.Jung**. 1. ed. [S.l.]: EDUC: Fapesp, 2013.

\_\_\_\_\_. **Processamento Simbólico-Arquetípico: pesquisa em psicologia analítica**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2014.

PINNA, F. C. de. **Tecendo o fio da vida: o uso de fios em arteterapia associado a mitos na individuação feminina**. Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Conclusão de Curso de Especialista em Arteterapia) - Instituto Superior de Ensino e Pesquisa - ISEPE.

ROCHA, L.S.K; **As mãos podem fantasiar: um olhar da Psicologia Analítica sobre o impacto do conto “A Moça Tecelã” em mulheres bordadeiras na metanoia**. 2023. 109p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

RONNBERG, A; MARTIN, K. **O livro dos símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas**. 1. ed. [S.l.]: TASCHEM, 2010. p. 6-807.

SADE, C.; RENAULT DE BARROS, L.; JOSÉ, J.; et al. **O uso da entrevista na pesquisa-intervenção participativa em saúde mental: o dispositivo GAM como entrevista cole**. [s.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v18n10/v18n10a06.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v18n10/v18n10a06.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2023.

STEIN, M. **Jung o mapa da alma: uma introdução**. [1998]. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

STEIN, M. **Jungian Psychoanalysis: Working in the Spirit of C.G.** 1.ed. Open Court, 2010.

TJRJ - Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. **O que é a violência doméstica? E o Femicídio?**.Tjrj.jus.br. Disponível em: <<https://www.tjrj.jus.br/web/guest/observatorio-judicial-violencia-mulher/o-que-e-a-violencia-domestica-e-o-femicidio> >. Acesso em: 5 jun. 2023.

Utopiar. **Quem Somos**. Disponível em: <<https://www.utopiar.com.br/pages/quem-somos>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

WHITMONT, E. **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.